REVISTA DE Arte e critica

SERIE 2.ª

Fasciculos n.os 8 e 9

AVE-AZUL

DIRECTORES:

Beatrix Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU. AGOSTO e SETEMBRO DE 1900

CHRONICA

PASSA hoje o nono anniversario da morte d'esse alto e nobilissimo poeta que foi tambem, e por isso mesmo, um alto e nobilissimo philosopho—*Anthero de Quental*. Graças a Oliveira Martins, o que o grande morto foi como poeta podem-no avaliar bem epos seus Sonetos quantos—que são bem poucos!—na nossa terra sabem ler; mas Anthero, que foi um grande poeta, foi tambem um inimitavel prosador: a sua prosa foi (diz Oliveira Martins) *da melhor prosa portugueza d'este tempo*. Infelizmente os seus muitos e preciosos artigos em prosa ainda não tiveram—e nem eu sei se já agora o virão a ter!—alguem que fizesse o que para os seus sonetos fez Oliveira Martins:—pôl-os ao alcance de todos, colligindo-os e editorando-os. Na *Revista de Portugal*, por exemplo, ha umas dezenas de paginas sobre as tendencias da moderna philosophia, que bem mereciam ser vulgarisadas em volume, como o que de melhor sobre tal assumpto se tem escripto.

O artigo que segue, esse, foi publicado por Anthero em 1886, na *Provincia*, a proposito da obra de Vianna de Lima *Exposição summaria das theorias transformistas;* e em 1893 reeditado em opusculo de pequena tiragem por o sr. Eugenio V. P. de Canto e Castro.

Offerecendo-o aos nossos leitores, em substituição das paginas que para a nossa *Chronica* tinhamos escripto, rendemos assim a nossa homenagem ao inolvidavel Mestre e tentamos contribuir, quanto em nossas minguadas forças cabe, para tornar conhecido do publico o que valia Anthero de Quental como prosador e sobretudo como polemista e critico —facilitando, como diz o sr. Canto e Castro, aos estudiosos a leitura dum dos trabalhos philosophicos d'elle em que mais claramente se patenteiam o seu subtil engenho dialectico, a originalidade das suas concepções especulativas e as maravilhosas qualidades didacticas da sua prosa expositiva e analytica.

11 de setembro.

C. DE L

A Philosophia da Natureza dos Naturalistas

Um livro sobre as modernas theorias transformistas, publicado em Paris e em francez, e firmado por um nome portuguez, é facto tão extraordinario, que por si só bastaria para attrahir as attenções. Mas no livro do sr. Vianna de Lima, não é só a extranheza do facto que deve chamar a nossa attenção: é ainda o seu valor intrinseco. Esta *Exposição summaria das theorias transformistas* é, como o titulo indica, uma especie de *summa* das doutrinas professadas sobre a philosophia da natureza por uma escola consideravel, cuja cabeça, E. Haeckel, é um dos nomes mais illustres, e justamente illustres, da Allemanha intellectual, na segunda metade do nosso seculo: e a obra do adepto não é indigna, nem pela intelligencia nem pelo saber, da escola nem do mestre.

Não sou naturalista e, tendo a consciencia da minha incompetencia, não me atreveria a escrever sobre a obra do sr. Vianna de Lima, se o seu livro fosse propriamente um livro de sciencias naturaes, e se os quatro estudos, de que se compõe, se conservassem escrupulosamente nos limites rigorosos do campo scientifico. O livro, porém, do sr. Vianna de Lima, apezar da modestia do titulo, aspira de facto a ser um livro de philosophia da natureza, e, nesse terreno, creio poder, sem temeridade, emittir algumas opiniões fundamentadas. Prestarei assim uma homenagem ao moço portuguez (portuguez pelo nome e pelo sangue: ouço que é brazileiro) que tão galhardamente nos representa no grande mundo da intelligencia, aproveitando ao mesmo tempo o ensejo para dizer alguma coisa sobre uma escola de philosophia, cujos chefes respeito e cuja importancia não desconheço; mas cujas tendencias estão muito longe, em meu entender, de serem satisfactorias.

Alexandre de Humboldt, o naturalista encyclopedico e quasi legendario do primeiro quartel d'este seculo, costumava dizer causticamente, referindo-se á philosophia da natureza pura-

mente especulativa, que então deslumbrava com os clarões do genio de Schelling e Hegel, não só a Allemanha pensadora, mas ainda a Allemanha scientifica, *que achava singularissimos aquelles naturalistas que pretendiam fazer chimica sem molhar a ponta dos dedos.*

Tinha razão.

Hoje, nós outros metaphysicos, podemos com egual razão dizer que são singulares este philosophos, que, com os dedos mais que ensopados em chimica, pretendem fazer philosophia sem nunca se terem dado ao trabalho de reflectir.

Com effeito, a philosophia é, de sua natureza, especulativa, e a sciencia não póde ser para ella mais que uma materia prima.

Um homem de sciencia, por encyclopedico que seja, se não tiver ao mesmo tempo reflectido muito e profundamente sobre as questões puramente racionaes, que a sciencia suscita e não póde por si resolver, reflectido sobre as ideias abstractas, que são, umas, postulados para as differentes sciencias, outras, principios ordenadores d'uma explicação geral das cousas, um tal homem de sciencia, apesar do seu encyclopedismo, não poderá nunca aspirar ao titulo de philosopho. Póde dizer que *sabe,* mas não que *entende,* porque o problema do universo, como problema total e concreto, será para a sua intelligencia, aliás opulenta de factos, tão obscuro, como é para a intelligencia d'um simples e ignorante. A philosophia não é o mero ajuntamento ou ainda o quadro empiricamente ordenado dos factos do universo: é a comprehensão e explicação racional e total d'esse grande quadro. Ora, uma tal explicação só é possivel no ponto de vista das ideias ultimas e fundamentaes da razão (*substancia, causa, fim*) e essas ideias teem por isso de ser tomadas em si, pesadas e analysadas. Não faz outra cousa a metaphysica; e sem metaphysica não ha philosophia, porque não ha verdadeira comprehensão racional, nem verdadeira e total explicação. Metaphysica (ou especulação) e sciencia (ou observação) são duas series convergentes, que partem de pontos oppostos e com leis de desenvolvimento diversas; mas, como são convergentes, encontram-se: o ponto onde se

encontram e, sem se fundirem, reciprocamente se penetram, é que é a philosophia. A philosophia tem pois por materia a sciencia, por forma a metaphysica; ou ainda, a philosophia é a observação (quero dizer, os seus resultados) considerada no ponto de vista absoluto da razão.

O desconhecimento d'estas verdades e o desdem pela metaphysica, filho em grande parte da reacção, aliás justissima, provocada pelos excessos e intoleravel dogmatismo da especulação, na Allemanha, e pela sua insignificancia e convencionalismo, em França; e, por cima d'isso ainda, o maravilhoso desenvolvimento das sciencias naturaes, durante os ultimos 40 annos, deram de si o apparecimento d'uma pseudo-philosophia da natureza que se pretende positiva e puramente filha das sciencias e que julga ingenuamente poder resolver os intrincados problemas das idéas, sem ter o incommodo de reflectir e só com grande somma de physica, chimica e physiologia.

D'estes naturalistas philosophos o mais eminente, tanto pelo saber como pelo genio, é o apostolo de Darwin na Allemanha, o illustre auctor da *Historia natural da Criação*, Ernesto Haeckel. E' entre os discipulos de Haeckel que vem tomar logar, com o seu livro, o sr. V. de Lima.

Profano, não me é dado conhecer e dizer até que ponto a rigorosa verdade e o rigoroso methodo scientificos tem sido violentados pelo sabio e engenhoso, mas não menos phantasioso e temerario professor de Munich, para se dobrarem e acommodarem ás suas doutrinas geraes. Sei só que outros mestres eminentes, como Virchow, Helmholtz, Huxley e Du Bois-Reymond estão longe de se darem por inteiramente satisfeitos com a orthodoxia scientifica de muitas das affirmações do padrinho do *monero batybio*. A mim só me é permittido occupar-me com as ideias e tendencias propriamente philosophicas da escola monista-evolucionista, cuja cabeça é Haeckel; e o livro do discipulo, que se propoz resumir a doutrina, ser-me-ha occasião para fazer sobresahir (embora só em dois pontos, mas capitaes ambos) a confusão e deficiencia na analyse das ideias, que impedem, a meu juizo, que a pretendida philosophia da natureza monista-evolucionista, apezar da im-

ponente massa de sciencia sobre que assenta, attinja a verdadeira altura d'uma philosophia da natureza.

Monismo e evolução são as duas noções que formam a base da doutrina Haekeliana. Comecemos por indagar que ideia precisa envolve esta palavra—*monismo*. Parece-me que a palavra é que é nova, não a ideia. Tanto valeria dizer pantheismo, ou ainda materialismo, pois não encontro no fundo d'aquella expressão nada mais do que nestas duas outras; a saber: uma concepção unitaria da substancia.

Esta concepção, porém, (na sua simplicidade e emquanto não fôr definida d'uma maneira particular) é propriedade commum de muitas escolas antigas e modernas e precisa sahir d'essa generalidade e indeterminação para poder caracterisar uma maneira especial de comprehender as cousas: assim o atomismo, assim o pantheismo de Spinoza, assim o idealismo realista de Hegel etc. Ora, é justamente essa falta de definição precisa, essa vaga generalidade e indeterminação, que eu noto no *monismo* de Haeckel. *Monismo* parece-me apenas uma palavra nova (e muito dispensavel) e não mais.

Com effeito, affirmar abstractamente a unidade de substancia é, no terreno da philosophia da natureza, pouca cousa: o que importa é difinil-a. Definil-a é apresental-a nas suas relações com a realidade, é caracterisal-a na sua maneira de ser positiva, é mostrar, não como a concebemos *em si* (pertence isso á metaphysica), mas como a concebemos *realisavel*.

Uma materia abstracta, una e simples, apenas vagamente susceptivel de se manifestar por omnimodas modalidades, é uma base insufficiente para a sciencia. O que a sciencia exige e o que é preciso á philosophia da natureza é determinar nessa infinidade de modalidades, qual é a fundamental ou elementar, aquella a que se reduzem todas as outras. Ora é isso justamente o que as sciencias da natureza teem feito, reduzindo todas as modalidades da materia ao elemento primordial *movimento*. Os monistas, sempre que fallam como homens de sciencia, adoptam (e não podiam deixar d'adoptar) esta concepção. Mas, como philosophos, em vez de receberem das mãos

da sciencia este resultado, para o elaborarem e desenvolverem, caem no vago e em inextrincaveis confusões.

E' assim que o nosso auctor começa por se declarar antimaterialista e pretende repellir o atomismo, affirmando que a materia não póde ser definida por esta ou aquella propriedade, mas que «para o monismo, a materia é o que é *in situ*... é aquillo que se manifesta aos nossos sentidos e ao nosso entendimento por modos diversissimos, sob fórma de phenomenos infinitamente variados... pretender isolar (d'este conjuncto) certas propriedades, abstrahir certas qualidades, é grande erro... para elle (o monista) qualidades, propriedades especificas ou funccionaes, funcções, etc. são inherentes á materia em que se manifestam e formam com ella um todo indissoluvel». Entretanto, meia pagina abaixo, dá a entender que todas as propriedades da materia são fórmas do movimento e se reduzem a movimentos elementares: «a força é a propriedade ou a maneira de ser mais geral da materia... todas as forças são reductiveis a movimentos... uma força não é mais do que materia em movimento». Mas, se isto é assim, a materia não é já «tudo o que é *in situ*» as suas propriedades não são já «inisolaveis e indissoluveis», nem é «grande erro abstrahir do conjuncto d'ellas certas propriedades», visto que, de facto, a materia é caracterisada por uma propriedade fundamental, o movimento, da qual todas as outras não são mais do que modalidades, ou, mais terminantemente, grupos e combinações de movimentos simples elementares. Seriamos assim levados ao dynamismo, concepção já mais precisa e mais pratica do que o vago e indeterminado monismo, e que, depois de Leibnitz, cada vez mais tem ido penetrando, ou antes, impondo-se á philosophia das sciencias.

Já por aqui começamos a ver quanto a concepção monista da materia é confusa e mal definida e, por conseguinte, pouco philosophica. Mas não o é só por isto. A confusão primeira faz-se sentir em todos os aspectos da ideia de materia. E' impossivel, com effeito, passar-se naturalmente da noção d'uma substancia una, simples e apenas virtualmente susceptivel d'omnimodas modalidades, para a rica e quasi infinita variedade

dos seres e qualidades de que se compõe a universal realidade. Que importa que essa doutrina sibyllina nos diga que a sua substancia una e simples é virtualmente susceptivel de toda a variedade de formas e qualidades? A questão está justamente em se saber como é que, sendo una e simples, tal substancia pode effectivamente dar de si o movimento e a variedade.

Sobre isto (e isto é justamente o nó vital da questão) é muda a doutrina.

Como é que essa substancia una e simples se determina? como é que, sendo una e simples, se pode dar nella opposição, diversidade, movimento?

A concepção monista implica continuidade — e tudo no universo é descontinuo: implica simplicidade — e tudo no universo é complexo: implica inalterabilidade e indistincção — e tudo no universo é perpetua mudança, differenciação e instabilidade.

O nosso auctor levanta-se desdenhosamente contra o atomismo. Entretanto o seu monismo, ou é cousa nenhuma, ou tem de se resolver na ideia de atomo. Pois o que está no fundo da concepção atomista? A ideia da descontinuidade da materia. E tal ideia impõe-se: impõe-se como um facto á sensação; impõe-se como um postulado á sciencia, que, sem presuppor a descontinuidade, é incapaz d'avaliar e exprimir por numeros (e é esse o typo e a forma perfeita do conhecimento scientifico) seja o que fôr na successão dos phenomenos; impõe-se finalmente á especulação, que não póde conceber movimento onde não ha distincção, opposição e successão, e não pode pensar a distincção sem pensar *ipso facto* a descontinuidade.

Foi precisamente esta objecção que encontrou deante de si e contra a qual veio desmanchar-se a physica cartesiana com a sua ideia da materia-extensão.

Como se concebe o movimento numa tal materia? perguntava-lhe o atomista Gassendi. E Boileau, com o seu solido bom senso, resumia a questão nos dois versos celebres:

> C'est en vain que Rohault séche pour concevoir
> Comment, tout étant plein, tout a pu se mouvoir

O sr. V. de Lima, levantando-se, com os seus mestres, contra o atomismo, e acceitando ao mesmo tempo, com as sciencias physicas, a reducção da ideia de materia á de movimento, mostra mais uma vez a inconsistencia do monismo no terreno das ideias geraes da natureza e a falta de analyse segura que patenteia a concepção fundamental sobre que assenta.

Declamar contra o atomismo é facil: evitar com uma palavra vaga e ao mesmo tempo pomposa as difficuldades que envolve a concepção da materia, é mais facil ainda: mas não é isso o que se espera de verdadeiros philosophos; e uma tentativa de philosophia da natureza, só merecerá este nome, quando sobre a analyse das ideias de substancia, força e movimento se assente uma doutrina da materia que satisfaça ao mesmo tempo ás exigencias puramente racionaes da especulação e ás mais praticas da indagação scientifica. Nada d'isto encontro no monismo de Haeckel e seus discipulos: o terreno sobre que pretendem construir, está, quanto a mim, muito longe de ser solido.

*

* *

Falta-me ainda encarar. nesta esphera da ideia de materia, a concepção monista, sob um outro ponto de vista. E' o da espontaneidade da materia,

O sr. Vianna de Lima affirma, por assim dizer, dogmaticamente, nas suas *Observações preliminares*, essa espontaneidade e protesta contra a physica da inercia: entretanto, todo o seu livro, toda a sua maneira de comprehender a evolução presupõe a inercia da materia. E' que d'uma affirmação a uma theoria vae uma certa distancia, e não me consta que algum dos mestres do monismo tentasse ainda formular esssa theoria. O assumpto envolve com effeito uma difficuldade, que me parece exceder a capacidade especulativa dos doutores monistas.

A ideia da espontaneidade da materia (ideia puramente especulativa, em que peze ás pretenções do positivismo dos nossos naturalistas philosophos) parece estar em contradicção com a theoria da conservação do movimento, que domina nas scien-

cias physicas e já em grande parte nas sciencias da organisação.

Não vejo que a doutrina monista resolva, como ella pode ser resolvida, numa esphera superior, esta contradicção. Pelo contrario, no livro do sr. V. de Lima, pela maneira por que o principio da conservação do movimento é applicado, sem a menor reserva ou explicação, desde a physica até á psychologia, e a evolução apresentada como o exclusivo resultado do puro mechanismo, a espontaneidade da materia, praticamente e apesar das affirmações preliminares, é constantemente desconhecida, ou antes, é negada implicitamente a cada instante. De facto, é como se o livro todo não tivesse outro fim senão destruir a these estabelecida nos prolegomenos—these que todavia é, philosophicamente, o seu fundamento. Com effeito, se havemos de entender que todo o movimento, seja de que ordem fôr, é não só condicionado por um movimento anterior, mas realmente e exclusivamente uma transformação d'esse movimento anterior, é claro que tal concepção do movimento exclue *in limine* a ideia de espontaneidade. A condição passa a ser causa: o effeito, mera prolação da causa, é uma apparencia sem ser proprio, sem autonomia.

Consideremos mais de perto a contradicção que d'aqui resulta. Se, por um lado, a materia em geral é dotada d'espontaneidade, isto é, se o movimento lhe é inherente; mas se, por outro lado, qualquer movimento se reduz, no fundo, a uma simples transformação das acções anteriores que o condicionam; pergunta-se: como se consegue então a espontaneidade geral e theorica da materia? Se o movimento A se reduz a uma simples transformação do movimento B, que o condiciona e não é por isso espontaneo, o movimento B está para com o movimento C, que por seu turno o condiciona, exactamente na mesma relação, assim como o movimento C para com o movimento D, o movimento D para com o movimento E e assim indefinidamente—de sorte que em parte alguma se encontra movimento espontaneo. O que significa, pois, a espontaneidade attribuida theoricamente á materia? E, sobre tudo, como se explica o proprio facto do movimento, que d'es-

te modo está em toda a parte sem estar em parte alguma? que é por toda a parte effeito, sem ter causa em parte alguma? como se concebe esse modo de ser, que, não tendo autonomia em nenhum dos pontos onde se realisa e realisando-se universalmente, parece ser e não ser ao mesmo tempo?

Ainda por este lado, se me não engano, a ideia da materia, segundo os monistas, está muito longe de apresentar a definição e consistencia necessarias. Ora essa idéa tem de ser a pedra mestra de toda a construcção philosophica na esphera da natureza. A final de contas, bem apertada e espremida, a doutrina da materia, segundo a philosophia monista, reduz-se, como creio ter mostrado, ás noções correntes, nas sciencias physicas, de atomo e força. Não só não ha nella originalidade alguma, mas o que é peior, apresentam-se-nos aquellas noções envolvidas nevoentamente numa concepção vaga, d'onde é necessario extrahil-as e, no fim de tudo, em vez de esclarecidas e aprofundadas, obscurecidas por forma tal que nada ha de lucido e fecundo a tirar d'ellas para uma comprehensão superior e verdadeiramente philosophica dos phenomenos da natureza.

Com as observações que acabo de fazer não pretendo de modo algum contestar o valor e a legitimidade, na esphera das sciencias physicas, das noções de materia, atomo, força e movimento, nos limites em que a sciencia emprega estas noções: ellas não são, com effeito, para a sciencia mais de que hypotheses, restrictas a um determinado campo e não tendo por fim senão a coordenação racional d'uma determinada ordem de phenomenos, d'um determinado aspecto da phenomenalidade. A sciencia, usando d'estas noções, não pretende impol-as fóra da sua esphera, nem dal-as em absoluto, como explicação ultima e irreductivel das cousas. A conservação do movimento, scientificamente, é um facto: um facto, que pela sua generalidade, envolvendo a explicação de innumeros outros factos, tem o valor d'uma theoria, mas d'uma theoria puramente scientifica. Se a conservação do movimento implica o determinismo, implica-o só nos limites e no ponto de vista do puro mechanismo, no ponto de vista da realidade como sys-

tema de movimentos—sem que a sciencia possa ou pretenda concluir d'ahi para um outro ponto de vista, que não é o seu, e em que o mechanismo já não apparece como o limite e termo ultimo do conhecimento.

Sciencia e especulação (volto a repetil-o) são cousas muito diversas, embora dependentes uma da outra, e o que basta á sciencia não é sufficiente para a especulação. Ideias, que no terreno scientifico bastam e são por isso, nesse terreno, muito legitimamente consideradas irreductiveis, não bastam já nas regiões da especulação, onde com effeito são reductiveis a categorias mais transcendentes. Se o conjuncto das sciencias não póde, como todos os verdadeiros pensadores reconhecem, supprir a philosophia ou substituir-se a ella, é justamente porque o conjuncto das ideias geraes das sciencias, não inclue em si a totalidade dos elementos racionaes da comprehensão do universo, mas apenas o conjuncto d'esses elementos no ponto de vista da phenomenalidade. Ora o monismo, attribuindo ao ponto de vista das sciencias physicas um caracter absoluto, arvorando as ideias geraes d'um grupo de sciencias em ideias ultimas e irreductiveis, exorbitou da sciencia sem ao mesmo tempo fazer acto de philosophia. E' o que talvez consiga mostrar ainda mais claramente, fazendo a critica da ideia de evolução segundo os monistas.

*

* *

A theoria geral da evolução, diz o sr. Vianna de Lima (e são estas as primeiras palavras do seu livro) não é *um systema;* é a synthese comparativa, a conclusão que sae do conjuncto de todos os factos positivos que o espirito humano tem podido até agora abraçar... é a unica concepção racional e verdadeiramente scientifica do mundo».

E' necessario fazer aqui uma distincção importante. A evolução não é, com effeito, um systema no dominio circumscripto de cada uma d'aquellas sciencias onde esta ideia, por assim dizer, se impõe, onde mil factos a confirmam e onde fóra d'ella seria impossivel encontrar-se um principio geral de

coordenação. Ahi, sem duvida, a evolução não é um systema, mas propriamente uma theoria scientifica.

Mas estarão neste caso todas as sciencias? De modo algum.

A ideia de evolução não intervem senão onde o elemento historico representa um papel proeminente, isto é, acima de tudo, nas sciencias da organisação (incluindo neste grupo a anthropologia e fazendo participar d'elle as sciencias sociaes, nos limites em que estas teem um caracter biologico) e depois ainda, mas d'uma maneira menos necessaria e menos definida, na astronomia, ou propriamente, astrogenia. E' só ahi que a divisão do trabalho se exerce, differenciando gradualmente e como que analyticamente as formas contidas virtualmente e, por assim dizer, envolvidas num germen ou facto primeiro, que é o ponto de partida de toda a serie. A physica e a chimica, porem, estão completamente fóra dos dominios da ideia da evolução. A chimica parece reduzir-se toda á atomicidade, e a maior ou menor complexidade de composição não foi nunca considerada como um desenvolvimento, assim como a irreductibilidade dos corpos chamados simples, se não é um dogma, é certamente um facto que se impõe á sciencia e que, emquanto assim se impozer, obstará a toda a theoria geral evolucionista dos phenomenos chimicos. Por outro lado, entre as forças physicas não ha hierarchia, mas parallelismo, e a reductibilidade d'umas ás outras implica unidade, mas não evolução, cousas bem distinctas.

Onde está, pois, a generalidade scintifica da ideia de evolução? A verdade é que uma theoria positiva da evolução, como a sonham os monistas, *essa synthese comparativa que sae do conjuncto de todos os factos positivos* só seria possivel, se se dessem duas condições capitaes: 1.º que a ideia de evolução se impozesse a toda a ordem de phenomenos, ou (o que para nós vale o mesmo) presidisse superiormente a todas as sciencias: 2.º que alem de explicar, dentro do districto de cada sciencia, os factos nelle comprehendidos, explicasse tambem a passagem evolutiva de cada uma d'essas ordens para a sua immediata, sem ter de recorrer a nenhuma ideia nova e superior.

Ora, nenhuma d'estas condições se realisa.

A ideia d'evolução (como já indiquei, e por isso não insisto neste ponto) só impera em certas sciencias e, por conseguinte, numa esphera limitada da phenomenalidade.

Em segundo logar, a passagem d'uma determinada ordem de phenomenos para outra não se pode explicar evolutivamente, no terreno rigorosamente scientifico, porque, nesse terreno, o elemento commum d'essas varias ordens é só um elemento abstracto, o movimento, que, pela sua mesma abstracção, não é capaz de dar razão do que ha de especial em cada uma d'ellas e a caracterisa, isto é, a forma ou funcção especial que representa. E' assim, por exemplo, que, embora os phenomenos vitaes se reduzam, em ultima analyse, ao movimento, isto é, a grupos e combinações complexas de movimentos elementares, nem por isso a vida pode ser satisfactoriamente definida como um modo de ser do movimento; porque uma tal definição, pela sua mesma abstracção, nada define; nem o quadro de todos esses movimentos pode ser dado como equivalente á ideia synthetica da vida; nem, finalmente, a concepção mechanica da vida representará outra cousa mais do que um aspecto da phenomenalidade da vida e nunca a concepção mesma da vida.

Parece-me claro, em vista d'isto, que a doutrina da evolução formulada por Haeckel e seus discipulos não é de modo algum, como se pretende, uma doutrina positiva, fundada nas sciencias e sahindo d'ellas como a sua natural consequencia. Creio ter mostrado que essa doutrina implica uma extensão abusiva da inducção scientifica e a illegitima generalisação d'uma hypothese, que, se é perfeitamente fundada no terreno de determinadas sciencias, só ahi e só nesse ponto de vista tem authoridade scientifica.

A doutrina monista tem, pois, em despeito das suas pretensões de positividade, um caracter especulativo e é propriamente *um systema*, uma construcção philosophica em que o *a priori* representa um papel preeminente: numa palavra, apezar dos elementos scientificos que contem, não é uma doutrina scientifica, mas uma hypothese philosophica.

Resta agora ver se, como hypothese philosophica, a ideia d'evolução, tal como a concebem os monistas, apresenta aquella definição e consistencia sem as quaes a mais ampla e brilhante hypothese é muito mais um producto da imaginação, do que da razão.

Creio que não apresenta.

Especulativos inconscientes, os monistas especulam mal. Tal como a concebem, a evolução, destituida de todos aquelles elementos de analyse racional, que só lhe poderiam dar um verdadeiro cunho philosophico, não é um principio: seria apenas (se as suas pretensões de positividade fossem fundadas) um facto; facto culminante e universal, mas simples facto e não principio,

Ora os factos são apenas a materia prima da philosophia: são aquillo que se pretende explicar, emquanto que só os principios fornecem o criterio e o ponto de vista d'essa explicação; e a doutrina monista da evolução, que, como doutrina positiva, como generalisação scientifica dos factos da natureza, está muito longe de ser rigorosa e fundada, pecca por outro lado gravemente, como hypothese philosophica, como doutrina especulativa, pela falta d'analyse das ideias sobre que, para merecer o nome de philosophia da natureza, se deveria apoiar.

Com effeito, se o universo evolve, porque é que evolve? Se a sciencia nada tem que vêr com esta questão, a philosophia é que tem muito e tudo—e já mostrei que é sómente como tentativa philosophica de explicação que o evolucionismo monista deve ser considerado.

Uma theoria geral philosophica do desenvolvimento das cousas implica, pois, uma theoria da razão de ser d'esse desenvolvimento. Sobre esta questão essencial o monismo é peior do que mudo; é absurdamente negativo.

A ideia de evolução implica necessariamente a de finalidade; esta contem a explicação racional d'aquella, que, só por si, é inintelligivel e até contradictoria. Se o movimento, acto essencial da materia, é autonomo (e é esta a these monista fundamental) tal movimento não póde ser concebido senão como um impulso espontaneo, por conseguinte, como uma ver-

dadeira determinação voluntaria: ora onde ha determinação voluntaria sem mobil, sem fim? Pois não é precisamente o fim que determina a vontade, e que explica o acto? Um movimento autonomo, que não tende a um fim, é perfeitamente inconcebivel: pois, se não ha fim, porque e para que o movimento? A ideia de finalidade é a pedra angular de toda a construcção philosophica no terreno da natureza.

Assim o comprehendeu Leibnitz na sua Monadologia, assim o comprehenderam Schelling e Hegel, os verdadeiros paes da moderna philosophia da natureza.

O horror pueril á metaphysica e a pretensão chimerica de fundar uma philosophia da natureza positiva e exclusivamente architectada no terreno da sciencia levou Haeckel (e muitos outros atraz d'elle e com elle) a desconhecerem a importancia capital da ideia de finalidade e a minarem aquillo que justamente lhes deveria servir de primeiro fundamento para o edificio que levantavam. E' o que espero deixar sufficientemente provado no meu proximo artigo.

*
* *

O sr. Vianna de Lima consagra as ultimas 100 paginas do seu volume a combater a ideia de finalidade nos dominios da natureza e triumpha facilmente dos theologos ou simili-theologos, que, despojando a materia das suas propriedades espontaneas e da sua infinita virtualidade, veem em tudo os effeitos d'uma direcção exterior e se extasiam deante das harmonias intencionaes da Criação.

Era facil o triumpho. Sómente, o sr. Vianna de Lima tomou a nuvem pela deusa, tomou a concepção infantil e anthropomorphica da finalidade pela propria ideia metaphysica de finalidade.

Se o sr. Vianna de Lima se despojasse por algum tempo dos seus habitos de pensamento de puro naturalista e estudasse um pouco os tão abominaveis metaphysicos, não só Leibnitz e Hegel, mas ainda orepresentante nosso contemporaneo da alta especulação, Hartmann (que é, não menos do que foram aquel-

les dois, profundamente versado nas sciencias da natureza) veria que a ideia de finalidade não se reduz, como lhe parece, áquella concepção anthropomorphica, que com tão facil felicidade refuta no seu livro. Veria que a finalidade póde ainda ser concebida como immanente á materia e como aquelle segundo elemento que vem integrar, juntando-se ao movimento, a noção da realidade; que, neste caso, longe de ser contradictoria com a espontaneidade do movimento, é justamente a explicação do movimento; que o que parece effeito, no ponto de vista do puro mechanismo, é causa no ponto de vista da finalidade, sem que uma cousa repugne á outra, porque são duas espheras do conhecimento, que ao mesmo tempo que se oppõem, reciprocamente se completam.

Perceberia então uma cousa, e é que, não só o movimento em geral (o movimento em si, independentemente de qualquer ideia de desenvolvimento) é racionalmente inexplicavel e, por conseguinte, inconcebivel sem a ideia de finalidade ou de causa final, mas que mais particularmente a evolução, isto é, o movimento como hierarchia ou desenvolvimento, implicando a ideia d'um typo, que as formas, evolvendo, tendem a realisar, implica por isso mesmo uma finalidade.

O typo é realisado na serie, não é um producto d'ella: pois, se fosse um producto, como se explicaria a serie? Quem diz evolução diz progresso. Ora, progresso que não tende para cousa alguma, que não tem um typo e um fim, não se comprehende. Se não ha typo, não ha medida ou termo de comparação na serie, não ha por conseguinte, hierarchia: ha variedade de formas parallelas e equivalentes; mas não desenvolvimento.

No meio d'essa multidão de formas inexpressivas, tudo será egualmente perfeito ou imperfeito: haverá ainda transformismo; mas não haverá evolução progressiva.

E' assim que o ultimo capitulo do livro do sr. Vianna de Lima deita por terra a doutrina estabelecida laboriosamente nos que o precedem. E' assim que metade da doutrina de Haeckel deita por terra a outra metade. E' assim que uma

philosophia da natureza que pertende não ser uma philosophia especulativa, acaba por não ser cousa alguma.

Que concluiremos de toda esta critica? Concluiremos, em primeiro logar, que os naturalistas, quando não são ao mesmo tempo philosophos, não podem construir uma philosophia da natureza que se sustenha de pé. Concluiremos, em segundo logar, que não póde haver, por muito que se apregôe, philosophia da natureza positiva (puramente scientifica), assim como em geral não póde haver philosophia positiva. O erro commum em que laboram os positivistas das differentes communhões (são varias, e todas egualmente positivas) é este: que o conhecimento scientifico é o typo do conhecimento, o conhecimento ultimo e perfeito; e que, por conseguinte, esgotando o ponto de vista scientifico a comprehensão da realidade, basta reunir em quadro as conclusões de todas as sciencias, ou generalisar as ideias fundamentaes communs a todas ellas, para se obter a mais alta comprehensão das cousas, a que nos é dado aspirar. D'aqui a chimera d'uma philosophia positiva.

Não seria chimera, se com effeito o conhecimento scientifico representasse o conhecimento supremo e definitivo, e não apenas uma determinada esphera do conhecimento. Nesse caso a generalisação dos dados scientificos corresponderia a uma verdadeira synthese e a abstracção suprema dos elementos da realidade tomaria o logar das ideias da razão. Infelizmente ou felizmente (que isso importa pouco) a razão subsiste e com ella o ponto de vista das ideias metaphysicas de *substancia*, *causa* e *finalidade* ás quaes têm de ser referidas, em ultima instancia, as conclusões da sciencia. E porque? Porque essas conclusões, ainda nas suas mais vastas e deslumbrantes generalisações, não se explicam a si mesmas e, representando apenas as grandes linhas e como que a estructura abstracta do mundo phenomemal, precisam ellas mesmas de ser explicadas. Com o seu caracter abstracto são ainda factos, e os factos precisam do reflexo da razão para se tornarem intelligiveis. O conhecimento scientifico constitue apenas a região media do conhecimento, entre o senso commum, d'um lado, e o conhecimento metaphysico, do outro. E' pois a rasão que

tem, em ultima instancia, de se pronunciar sobre o valor e o logar, na comprehensão total do universo, dos dados quer do senso commum quer da sciencia. Essa comprehensão total é que é a philosophia: edificio sempre em construcção, sempre renovado nos seus materiaes (que o progresso dos conhecimentos positivos lhe vae fornecendo dia a dia) sempre instavel e ao mesmo tempo sempre de pé, e que, sendo sempre incompleto, nunca se pode dizer insufficiente, porque, tal como é, corresponde ás mais altas faculdades do espirito humano, abriga as mais sublimes aspirações, tormento e gloria ao mesmo tempo, d'este mysterioso animal racional chamado homem.

E eis ahi porque uma philosophia positiva é uma chimera. Quem diz philosophia diz idealismo. Só o systema das ideias contem inteira a explicação do systema das cousas. O movimento não esgota o ser: o ser implica movimento e ideia. Os naturalistas, desprezando ou ignorando as ideias, ignoram metade das cousas e a sua philosophia é só meia philosophia, ou antes, é só um arremedo da philosophia. *Tudo quanto é, é racional,* disse Hegel.

Pretender amputar a razão é pretender amputar a realidade.

E' dentro da razão, não fóra d'ella, que teem de ser marcados os limites do conhecimento. Só no ponto de vista total da razão se resolvem as contradicções que a realidade apresenta, como outras tantas esphinges, á intelligencia indagadôra.

Materia e espirito, determinismo e liberdade, evolução e finalidade, não são ideias contradictorias senão na apparencia: de facto, são só duas espheras differentes da comprehensão, these e antithese, cuja synthese é a razão.

Assim, uma philosophia da natureza, tal como a concebo, uma philosophia da natureza á altura, não só do grande seculo das sciencias naturaes, mas do grande seculo de Kant e Hegel, não tem que regeitar o determinismo universal e a evolução como uma forma mechanica d'esse determinismo: mas o que não póde é ficar ahi.

Determinismo e evolução serão apenas o seu ponto de partida, a forma universal da phenomenalidade, que a generali-

sação scientifica lhe fornece e que ella, a philosophia, terá d'analysar e interpretar á luz das ideias. Só assim terá satisfeito não só á rasão especulativa, mas ás exigencias não menos imperiosas da consciencia humana.

Digo da consciencia humana; e é este um outro aspecto, e aspecto capital da questão, que é necessario pôr em evidencia. Muitos dirão: — que tem que ver a philosophia com a consciencia humana? Responder-lhes-hei: — tem tudo. Por uma singular aberração, são justamente os que mais falam de positivismo e factos positivos os que parecem esquecer ou ignorar que a consciencia humana é um facto, que a sua actividade, expressa e objectivada em milhares de manifestações, desde os codigos até á poesia, e atravez de milhares d'annos, constitue uma ordem de factos tão positivos e tão irrecusaveis como os da physica ou da astronomia. E estes factos não são só positivos e evidentes: são ainda culminantes, pois os phenomenos sociaes e moraes, tendo atraz de si todas as outras ordens de phenomenos e apoiando-se nellas, constituem o ponto mais alto da serie evolutiva das cousas.

Os factos da consciencia humana são, pois, não só factos positivos, mas os factos positivos culminantes.

Ora que diriamos d'uma philosophia, que não pudesse explicar, mais, que estivesse em contradicção com os factos da physica, por exemplo, ou da chimica? Diriamos ser uma philosophia não só incompleta, mas falsa. E que pensaremos então d'uma philosophia, que não só não consegue explicar, mas está em flagrante contradicção com factos tão positivos como aquelles, e, alem de positivos, superiores e culminantes?

A consciencia humana é, pois, verdadeiramente um criterio philosophico, neste sentido que uma philosophia incapaz de explicar satisfatoriamente os phenomenos da consciencia, ou em contradicção com elles, é uma philosophia incompleta, ou errada, por deixar de fóra, ou contradizer, uma parte e justamente a parte mais importante da realidade.

Este criterio bastaria só por si (alem de tudo que atraz fica dito) para condemnar toda a philosophia puramente materialista, sob qualquer forma em que se apresente: — mecanis-

mo atomico, determinismo scientifico, monismo ou pantheismo naturalista. Sob qualquer d'estas formas, o materialismo envolve, o que é a sua essencia, a reducção de toda a ordem de phenomenos a forças elementares, sujeitas a uma determinação cega, mechanica e sem fim intelligivel: envolve a negação de todo o elemento racional nas cousas, reduzindo ao mesmo tempo as afflrmações da consciencia a puras illusões subjectivas.

A critica do materialismo, neste ultimo ponto de vista, tem sido mil vezes feita e não preciso reproduzil-a aqui.

O que quero é fazer sentir quanto o monismo evolucionista da escola de Haeckel (que não é mais do que uma forma do materialismo) cuja maior pretensão é ser uma philosophia positiva da natureza, ainda por este lado não é positivo, por não poder explicar uma ordem inteira e a mais importante dos factos do universo.

Declarar que a liberdade e o sentimento moral são meras illusões subjectivas, e que os mais intimos e mais autonomos phenomenos da consciencia resultam apenas d'acções mechanicas e são a transformação d'essas acções, é facil. Agora o que não é facil, porque é simplesmente impossivel, é explicar e fazer comprehender (como ha poucos annos ainda Du Bois-Reymond perguntava a Haeckel) como é que o movimento, um grupo de movimentos, por mais complexo que o supponhamos, pode produzir, não já os factos superiores da vida do pensamento, mas o mais elementar, a simples sensação? Deante d'esta simples pergunta desaba todo o edificio do monismo. A vida moral não é cousa que se decomponha em retortas, nem se descobrirá jamais o equivalente mechanico do genio ou da virtude:

There are more things in heaven and earth, Horatio,
Than are dreamt offin your philosophie

*
* *

Pretenderei eu accaso com esta critica, contestar o valor

dos trabalhos da escola monista, ou ainda a sua importancia philosophica?

De modo algum.

O que eu contesto é o valor do seu systema, como systema, o que eu censuro é a pretensão de fundar uma philosophia da natureza com a simples generalisação dos dados d'um grupo de sciencias, e sem ter em conta o indispensavel criterio das ideias. Mas abstrahindo d'estas pretensões, a tentativa de Haeckel, considerada em si, tem um alto valor. Tem-no, sobre tudo, como symptoma da tendencia, que cada vez mais se manifesta na esphera da sciencia, para uma unidade de comprehensão, que, assentando rigorosamente no terreno scientifico, saia ao mesmo tempo da analyse e abstracção inherentes á sciencia, procurando, como formula, uma ideia de caracter synthetico, isto é, uma ideia propriamente philosophica.

Esta tendencia é sem duvida alguma, o facto intellectual mais importante do seculo actual e um d'aquelles em que mais se traduz d'um lado, a influencia d'ora em deante cada vez mais predominante do criticismo de Kant, e do outro, a feição eminentemente positivista do espirito moderno. Se uma philosophia positiva é e será sempre, como já mostrei, uma chimera, a acção e auctoridade directa da sciencia na philosophia será d'aqui em deante (quero dizer depois da *Critica da Razão pura)* um facto que tem de se impôr a todos os pensadores.

Mas acção e auctoridade da sciencia na philosophia é uma cousa, e philosophia positiva, outra. As ideias syntheticas da philosophia não saem das sciencias, não são simples generalisações scientificas: são um producto da especulação, e quando chegam a apparecer no terreno scientifico, é infiltradas para ali das regiões da especulação, é porque a especulação as forneceu, sob forma de hypothese, á sciencia. Não cabe em escripto d'estas dimensões expôr a theoria da hypothese. Bastará mostrar como a theoria geral da evolução, hoje com tanto vigor e brilho formulada por Haeckel e seus concorrentes ou discipulos, longe de ser, como vulgarmente se imagina, uma *descoberta* das sciencias naturaes e um resultado directo da

analyse scientifica, é pelo contrario, uma verdadeira hypothese philosophica, que, producto da elaboração especulativa de perto de trez seculos, acabou por se manifestar no dominio das sciencias.

Com effeito são mais fundas as suas raizes, mais longinqua a sua procedencia.

Essa ideia não saiu das sciencias naturaes, mas penetrou nellas pela influencia (obscura, é certo, e indirecta, mas muito real) das noções metaphisicas lentamente elaboradas, a partir da renascença, dentro da ideia fundamental de *natureza*. A maneira dynamica, autonomica, realista, de conceber a natureza é o que mais radicalmente distingue o pensamento moderno do antigo. A natureza para o pensamento antigo, e ainda para o mais genial dos seus intrepretes, e o mais objectivo, Aristoteles, era concebida como abstracta, inerte, passiva; longe de parecer concreta e espontanea, era considerada apenas como um reflexo, acto ou emanação d'um ser ou seres transcendentes e perfeitos (as *ideias* de Platão, a *intelligencia* de Anaxagoras, o *motor immovel* e as *formas substanciaes* de Aristoteles etc.) exteriores a ella e só verdadeiramente autonomos. Esta maneira de conceber manteve-se pela Escolastica e pela Theologia christã, até á Renascença. A partir dos ultimos tempos da Edade-media, com a dissolução da philosophia escolastica e as revoluções de toda a especie, intellectuaes, sociaes, religiosas, que annunciam a aurora dos tempos modernos, dá-se nas regiões mais profundas da intelligencia humana uma fermentação extraordinaria que se exprime, ainda com pouca consciencia do seu proprio alcance, nas creações da astronomia e da physica modernas (Kopernico, Keppler, Galileo, Torricelli) e nas reformas philosophicas de Bacon e Descartes; que se avigora com Leibnitz e Spinosa e com os primeiros trabalhos de physiologia, botanica e sciencias sociaes (Gesner, Harvey, Malpighi, Boerhaave, Hobbes, Grocio, Vico, Lessing, etc.) para acabar, plenamente consciente no seculo XIX, por se affirmar, não já nesta ou naquella ordem de phenomenos, mas em todas as espheras da actividade humana, nas sciencias, na philosophia, na sociedade civil e poli-

tica e na propria arte e poesia contemporaneas. O naturalismo é para os tempos modernos o que foi o racionalismo para a Antiguidade:—a formula mais geral da sua actividade.

A doutrina da evolução é apenas uma das determinações, a mais recente e porisso a mais intensa, e intima, do naturalismo moderno.

E convirá notar que o seu apparecimento é simultaneo na astronomia, na geologia, na biologia, na linguistica e na historia: Lamarck, Laplace, Werner, Goethe, Geoffroy Sainte-Hilaire, Herder, Saint-Simon, Bopp, Adelung, são contemporaneos, ou proximamente contemporaneos.

O evolucionismo dentro das sciencias da natureza não é mais do que a applicação a uma ordem de factos do principio fundamental do pensamento moderno, uma das suas determinações particulares.

Mas esse principio é uma hypothese geral e, como todas as ideas syntheticas, um resultado da especulação, não é um facto positivo. Se apparece no dominio das sciencias, é como hypothese philosophica, não como lei scientifica. Se as sciencias da natureza e da sociedade convergem hoje no sentido da evolução, convergem movidas pelo influxo intimo do estado mental-metaphysico que as envolve, não pela força exclusiva e independente do seu desenvolvimento proprio. Não ha, como se pretende, a eliminação do elemento metaphysico pelo elemento scientifico: ha uma mutua penetração; penetração da especulação na sciencia, pela hypothese que a vem fecundar; penetração da sciencia na especulação, pelo correctivo imposto, em nome da realidade, dos factos positivos, ao á-priorismo inherente ao pensamento especulativo.

E é por isso que o concurso da sciencia e da especulação é indispensavel para a constituição definitiva da philosophia moderna (da qual todos os systemas, desde Bruno e Bacon até aos nossos dias, são apenas esboços e prenuncios), para a organisação systematica do pensamento moderno em todas as suas determinações.

Creio com Haeckel, assim como com Schelling, Hegel, Hartmann, Comte e Spencer, que é no terreno da evolução

que essa grande synthese tem de ser construida, e que, depois do seculo XVIII e depois de Kant, já não é possivel uma philosophia que não seja essencialmente uma theoria geral do desenvolvimento, isto é, uma philosophia da evolução. Mas creio tambem que a organisação da ideia d'evolução nessa theoria geral do desenvolvimento é problema que excede muito a capacidade especial das sciencias da natureza, quero dizer, a esphera theorica d'essas sciencias, porque excede os limites e alcance do puro espirito scientifico.

A metaphysica do seculo XIX apezar do descredito em que momentaneamente parece ter caido, não disse ainda a sua ultima palavra, nem abdicou. Se a conclusão final das sciencias tem de ser, como creio, o mechanismo universal, a conclusão final do pensamento metaphysico tem por seu lado de ser o universal idealismo. Mas já hoje se começa a comprehender que entre estes dois termos não ha contradicção essencial e que esta *these* e *antithese* é reductivel a uma *synthese*, que satisfaça plenamente tanto a sciencia como a especulação. Essa synthese, em que o idealismo apparecerá como complemento necessario do mechanismo, já hoje se deixa entrever; e creio que nem a todos parecerá temeridade e paradoxo, concebel-a, como eu a concebo, nem idealista nem materialista no antigo e mais usual sentido das palavras, mas num sentido novo e mais profundo, como um *materialismo idealista*.

ANTHERO DO QUENTAL

SALLA DE VISITAS

De *ARY RENÉ D'YVERMONT :*

Cœur d'enfant

Pour Andrée et Germaine Papin
quand elles sauront lire.

Ceci n'est point un conte, hélas! c'est de l'histoire,
Une histoire touchante, un faít-divers notoire,
Dont la lecture fit répandre bien des pleurs,
Et dont les traits naïfs émurent tous les cœurs.—

Une enfant de huit ans, une blonde fillette,
Jolie un peu palotte et déjà grandelette,
Avait une poupée aux ravissants atours,
—Jupe de soie avec corsage de velours—
Qui faisait son bonheur et dont elle était fière:
Et, jouant avec elle á la petite mère,
C'était avec orgueil qu'elle montrait à tous
Ce trésor entouré des soins les plus jaloux.
Car c'était un trésor pour elle, inestimable,
Qu'elle aimait d'un amour ardent, inaltérable,
Comme elle était aimée, elle, de sa maman...
Comme en ses doigts de fée, un chiffon, un ruban,
Le moindre des morceaux d'étoffe découpée,
Se métamorphosaient, pour sa chère poupée,
En mille petits riens, mignons colifichets,
Dont la femme, si bien, sait tirer des effets!
Car elle était déjà, par le cœur et par l'âme
Songeuse et refléchie, une petite femme!

Or, ses beaux yeux d'enfant versaient parfois des pleurs
Comme on en verse, hélas! dans les grandes douleurs.

Ah! c'est qu'elle avait vu chaque jour, la misère
Grandir á la maison, c'est que son pauvre père,
Qui, voulant en finir, mourut à l'hôpital,
Ne laissait pour tout bien et pour tout capital
Qu'un pieux souvenir de père de famille
Qui se sacrifia pour sa femme et sa fille!
C'était huit jours avant. Sa mère avait porté
Son alliance, hélas! au Mont de Piété,
Car, dès longtemps déjà, luttant avec courage
Contre la maladie et le manque d'ouvrage,
La pauvre femme avait mis là tout son butin.
A fin qu'on lui prétât pour un morceau de pain,
Hardes et mobilier, bijoux, tout, pièce à pièce,
Avait pris ce chemin. La chambre, unique pièce,
Etait quasiment nue, on y voyait un lit
Privé de matelas; et c'était là le nid
Où l'enfant avait vu le jour! puis une table
En bois grossier, boiteuse, à l'aspect lamentable
Que prennent les objets que le temps a flètris,
Et près de cette table, entassés, des débris,
Informes et sans nom, gisaient dans la poussière;
Des vaisseaux ébréchés; un poële cuisinière
Fendu de toutes parts et que le brocanteur
N'aurait pas pris au poids; et, reste de splendeur
Relative, un fauteuil, deux chaises, quelques nippes,
Quelques frusquins d'antan minables, de tous types,
Qu'avait dû refuser le Mont de Piété.
Mais, parmi tout cela, dans un coin à coté
D'un buffet vermoulu, prour former disparate,
Pimpante en ses atours, était assise Agathe,
La poupée aux grands yeux étonnés, clairs et bleus,
Que l'enfant, chaque jour, mêlait à tous ses jeux.

Or la faim, du bonheur, est le pire adversaire!
Et, quand à la maison, manquait le nécessaire,
L'enfant ne pouvant plus rire, réfléchissait,

Regardant sa poupée, alors elle pensait:
«Eh! bien! c'est à mon tour d'être la Providence
«De ma chère Maman! c'est de toute évidence,
«On n'a pas bien cherché; moi je posséde encor
«Parmi ce dénûment de la chambre, un trésor...
«Et ce trésor, hélas! est là, c'est ma poupée!»
Puis, supputant déjà, toute préoccupée,
Ce que lui prêtera le Mont de Piété,
—«Oh! oui, beaucoup, beaucoup d'argent en vérité!»—
L'âme émue, attendrie, et le cœur gros de larmes,
Elle fait des projets qui ne sont point sans charmes;
Car elle va pouvoir, à son tour, la nourrir,
Cette mère qu'elle aime et sait si fort chérir...
Oh! que ce sacrifice hélas! la rend songeuse!
Mais combien sa maman, va se trouver heureuse!
Rien qu'à cette pensée elle sourit enfin,
Bien qu'elle ait dans le cœur un très profond chagrin.
Sa poupée est pour elle une amie, une fille,
Elle est depuis longtemps déjà de la famille;
Eh, bien! s'en séparer, vraiment ce sera dur,
Elle la pleurera souvent, hélas! c'est sûr,
Après l'affection qu'elle garde à sa mère
N'est-ce point celle-là qui lui soit la plus chère?
Qui, désormais, sera sa compagne de jeux?
Qui sera plus docile et l'écoutera mieux?
Trouvera-t-elle enfin plus sure confidente,
Auditrice qui soit jamais plus patiente?
Ah! comme en ce moment est gros son petit cœur!
Mais l'amour filial bientôt sera vainqueur;
Car sa décision est prise bien qu'amère.

Elle a, plus d'une fois, accompagné sa mère,
—Elle n'est point en peine au Mont de Piété.
Non loin de la maison, c'est là, tout à coté.
Le moment est venu... serait-elle hésitante?
Oh! non; voyez plutôt combien elle est vaillante!
Elle prend sa poupée et puis, entre ses bras

La pressant, l'embrassant et lui parlant tout bas,
Elle semble lui dire et lui faire comprendre
Que c'est un sacrifice auquel, sans plus attendre,
Il leur faut se résoudre. Enfin elle descend,
Soulagée, héroïque. Elle va, se pressant,
De crainte que sa mère et la voie et l'apelle:
Elle approche du but... L'y voilà... tremble-t-elle
En frappant au guichet ? Oh ! non !
Vient un prêteur :
Elle offre sa poupée, et dans l'intérieur
Des bureaux elle entend de francs éclats de rire;
Puis apparaît le chef, qui près de lui l'attire,
Lui met dedans la main une pièce d'argent,
Et, souriant lui dit, d'un air encourageant:
«Va, mon enfant, sois sage et garde ta poupée;
«On ira la chercher !»
Après cette equipée,
La mignonne s'en va toute joyeuse enfin,
Ne sentant même plus, ma foi ! qu'elle avait faim,
Et toute à son bonheur de surprendre sa mère,
De garder sa poupée, à son amour, si chère,
Arrive à la maison, courant, courant toujours,
Serrant bien en sa main le précieux secours...

St. Vaast d'Equiqueville.

De *AFFONSO LOPES VIEIRA:*

O Coração do Adamastor

Depois que Adamastor, triste gigante
Que apavorou no mar as caravellas,
Sua historia contou ao navegante
E com lagrymas tantas, e querelas;
Calado se ficou, desde o instante
Em que, dizendo a causa antiga d'ellas,
Nelle viveram ainda, por lembradas,
As saúdosas queixas namoradas,

No Cabo fabuloso convertido
Que depois das Tormentas foi chamado,
Por que soffresse mais o amor perdido,
Só nelle o coração não foi mudado:
Por Thetys, linda nympha, endoidecido
De amor, que de antes tinha já tragado,
Erguido sobre o mar, Adamastor
No coração alberga aquelle amor.

Mas Thetys, que já de antes o enganára
Quando em seus braços rocha se fizéra,
Por lhe fazer a vida mais amára
Na lembrança dos males que lhe déra;
Por lhe lembrar desejos que affogára
E maiores desejos que accendêra:
Junto do velho Cabo depois ia
Toda nua nadar, e lhe sorria!

Com os braços cortando claramente
A corrente sem fim da agoa marinha,
Ora desparecia lentamente,
Ora cantando e rindo depois vinha;

E com risos e mostras de contente,
A nympha, que do mar era rainha,
Sem lhe doêr crear tamanha magoa
O corpo lhe amostrava, fóra da agoa!

O coração do monstro, palpitando
Sob a rocha que todo o sepultava,
Soffria o grave caso miserando
Que era caso de amor, que lhe lembrava!
Em tormentas a cólera gastando
Os mares com procellas agitava;
E com roucos suspiros de saudade
Só por amor creava a tempestade!

Eram ais, eram uivos de vingança
Que as agoas revoltava, e vento irôso,
Com o amoroso odio que não cansa
No coração do Cabo Tormentoso!
E a cada nova e candida lembrança
Do seu conto de amor, elle, amoroso,
A doida tempestade ali soltava,
Emquanto o coração se lhe apertava.

As pobres náos dos Lusos que passavam
E com serena Fé pelo mar iam,
Colhidas das borrascas naufragavam,
As ondas sem piedade as enguliam!
E Adamastor, que ouvia os ais que davam
Os nautas que perdidos se morriam,
Contente se ficava, e socegado
Por se lembrar que algum seria amado.

Mas, quando a manhan rôxa ali trazia
A luz, por descobrir tantos destroços,
Adamastor então se arrependia
Por tanto dano e morte dar aos nossos;

Seu velho coração se comprimia
Sob o pêso das rochas, que eram ossos,
E por Thetys clamando e suspirando
Ia as tormentas doidas assoprando.

Immenso e só, ao Cabo hirto e severo
No fado que lhe outr'ora os deuses deram,
Os homens por terror e acaso féro
O seu antigo nome converteram:
E a quem viveu em tanto desespero
O de Bôa-Esperança lhe puzeram!
Ai do pobre gigante enamorado,
Que muito amou, que nunca foi amado!

Agora, quando as nuvens apparecem
Carregadas de ventos que quebrantam,
Sabei que dores são que não lhe esquecem
E saúdades tristes que ainda cantam:
Que são ellas que os ares escurecem
E as verde-negras ondas alevantam;
Que é ainda o velho amor, que novo existe
No coração do grande Cabo triste.

Namorados, chorando a crueldade
De aquellas a quem déstes vosso amor,
As cóleras amae da tempestade
E das ondas e ventos o furor:
Lá ouvireis a grande saúdade,
A' vossa egual, do pobre Adamastor...
E contentes sereis, e confiantes,
Por a dôr ajuntar á dos gigantes!

(De *O Poeta Saudade*)

De *MARIA VELLEDA:*

A emancipação feminina

Questão é esta muito para ser meditada e muito para ser discutida, comquanto factos por demais eloquentes demonstrem sem controversia—que a educação da mulher é uma necessidade imperiosissima.

Insistir sobre este ponto seria ociosidade, documentada como tal necessidade tem sido por escriptores de notavel talento. Cito a proposito o sympathico nome de Beatriz Pinheiro, cuja attrahente propaganda, acompanhada de exemplos prestigiosos e provas induvidáveis, nos assombra pela minuciosidade cuidadissima dos pormenores, exactidão das datas,—tudo emfim, quanto se deve impor aos mais refractarios á sua doutrina—como uma verdade universal.

Não venho pois repetir sem utilidade alguma o que outras vozes têm gritado aos quatro ventos do ceo. Mas quero ajuntar a minha opinião a esses brados de todas as insaciadas do Bem, que pedem, como uma aurora de redempção, o manná bemdito, o pão espiritual da unica felicidade possivel.

Responder aos anti-feministas, que fazem da mulher um instrumento do prazer, uma bonita ave de plumagem lucilante, parece-me a mim algo honroso para adversarios tão comesinhos, sendo certo que só se preoccupa das graças da femea o macho que a emparelha.

Deus creou a mulher para companheira do homem, e não se pode conceber, sem manifesta incomprehensão da vontade divina, que o homem suba com azas de condôr e a mulher adeje como borboleta. Azas! azas para voar!

Mas ai de nós! Como poderemos realisar esta aspiração nobilissima da nossa alma, se o homem é o primeiro a não possuir a orientação que deveria guiar-nos,—se é elle o primeiro a não se emancipar do preconceito estupido? Não deveriamos

talvez pedir a emancipação da mulher senão para educar o homem—e emancipa-lo a elle tambem...

E não chamem paradoxo ao que venho de insinuar:

Entre nós pouquissimo se tem adeantado, relativamente ao assumpto de que me occupo.

Apenas, uma ou outra senhora tem sahido da penumbra —... sabe Deus á custa de quantos esforços, de quantos combates e violencias sobre a implacavel e dolosa rotina.

E acaso, depois de alcançarem a palma da victoria, são essas senhoras galardoadas pela opinião publica? servem ellas de exemplo e incentivo para novas conquistas? Parece-me bem que não.

A illustração feminina em Portugal, é uma ostentação e nada mais... O trabalho honesto, que seria a honra de muitas familias, monopolisa-o o homem, num egoismo feroz. A Força—a eterna e a injusta—esmagando a formiga laboriosa. De sorte que não podemos sahir do circulo fatal. Com vocação ou sem ella, temos quando muito, um estrado numa escola publica ou um gráu de doutora em mais alevantadas espheras.

E no entanto, intelligencias e aptidões femininas ha que, cultivadas, não minguariam no produzir. A mechanica, por exemplo, - essa arte delicadissima, que de tanta paciencia carece e tantos prodigios alcança, melhormente fôra tratada por mulheres, se a obstinação masculina se não interpuzesse, formando barricada.

Quantas vezes não é a mulher o chefe da familia? quantas?

E em taes casos, quantas vezes lhe não falta o pão quotidiano de seus paes, o vestidinho modesto ou a educação indispensavel para seus filhos?

Tal não succederia, se a mulher encontrasse um trabalho consoante a sua força e a sua intelligencia; se o homem, em vez de lhe crear uma situação proveitosa, a não prendesse na odiosa rede dos seus galanteios perfidos ou entre os arames d'uma brilhante gaiola doirada. Pomba captiva, de que lhe serve a evasão? Nas alturas ha sempre abutres que espreitam a timida preza...

E é por isso que eu insisto sobre a necessidade de educar o homem. Aplanada a primeira difficuldade, inutilisado o principal attricto, quer-me parecer que o resto se executaria depressa.

...Que a mulher trabalharia por si, quando lhe cedessem metade da parte do leão...

A má vontade masculina, áparte algumas nobres excepções, é a culpada do nosso atrazo moral e intellectual. A dois escriptores muito notaveis ouvi eu—que a mulher ignorante é o supremo ideal. E lembra-me agora a galanteria do poeta:

Tem cinco lettras somente
O teu nome de Maria,
Brilham mais do que as estrellas
Teus erros de orthographia.

Ora, afiançar-se que a mulher illustrada desertaria do lar, é uma incoherencia revoltante, por isso que os factos documentam o contrario de tal asserção. E quando assim fosse?!—eu preferiria confiar o meu filho a quem amoravelmente delle cuidasse durante o tempo em que as minhas occupações me retivessem lá fóra,—preferiria isso a ter de morrer da angustia de não encontrar na minha ociosidade o seu pão de cada dia, e de vel-o sem pae a pedir-me a educação que lhe eu não poderia alcançar, e de vê-lo mendigo ou baixa creatura, porque eu não tivesse azas para eleva-lo commigo.

Mas o estafado contra—de que e mulher illustrada mataria a *ménagère*, cáhe sempre pela base, citando provas negativas.

Pela minha parte, sem que comtudo me imponha como um exemplo,—infelizmente para mim que valho poucochinho! —pela minha parte limitei-me, á falta de melhor e porque a minha pobreza me não consentisse subir mais,—a acceitar a direcção de uma escola primaria, onde me duplico durante seis horas diurnas, restando-me ainda boa vontade para leccionar, de noite, as raparigas que voltam do trabalho. O ordenado é pequeno; as necessidades muitas, desajudada como eu vivo de outra força que me ampare... e então que faço? Dou-me

a toda a labutação domestica; ponteio os meus vestidos... e leio nas horas vagas. Leio, outras vezes, trabalhando, e até —peccados meus!—até improviso versos junto da ribeira, que se desdobra lá em baixo, numa fita ondulosa de rorejante prata liquida.

Repito; não posso servir de exemplo; todavia,—com aggravo da minha modestia— parece-me que eu iria um pouco mais longe, se tal m'o permittissem as apertadas condições e os rotineiros costumes do meu paiz. Assim, não passo de uma obscura mestra de aldeia, o que me não deslustra nem amesquinha, Deus louvado! Mercê que do ceu não mereço, comprehendo a grandeza e a importancia da missão que me foi confiada, e por bem desempenha-la me afadigo. Pena é que os governos curem com tanta indifferença dos interesses materiaes relativos aos miseros paes da instrucção.

Interdizer á mulher a sua independencia equivale a condemna-la ao martyrio. Martyrio da fome ou da deshonra. Tudo é martyrio.

Porque nem sempre á femea se lhe depara o macho enamorado da sua graça—armadilha...

Já vêem os antifeministas como se tornam illogicas as suas estultas asserções.

E' uma obra meritoria—esta—de pugnar pela honra da mulher, ou—o que tanto monta—pela sua libertação.

Basta de sêrmos escravas. Azas! azas para voar!

De *PAULINO DE OLIVEIRA :*

NO S. JOÃO

(DESCANTE)

Ella :

Ha estrellas pelo céu,
Rompe no céu o luar...

Elle :

Aqui ardem as fogueiras...
E os clarões do teu olhar!

Ella :

Andam sussurros de amôr
E perfumes pelos ares...

Elle :

E' da tua bôca linda
Que solta dôces cantares!

Ella :

Hoje sahem dos encantos
As mouras, as feiticeiras...

Elle :

Que melhor feitiço existe
Que as tuas faces trigueiras?!

Ella :

E vão aos tanques, ás fontes,
As suas faces mirar...

Elle :

A's cisternas dos teus olhos
Fôsse eu os meus debruçar!

Ella :

E depois, todas, mãos dadas,
Alegres como uma boda...

Elle:

Bem sei—bailam como nós:
Fazem *ronda,* fazem *róda.*

Ella:

Giram, que é mesmo um regalo,
Sem pares e sem violas...

Elle:

Mas fazem, para compasso,
Com os dedos castanholas...

Ella:

Voltam depois ao encanto,
Murchas, tristes como um goivo...

Elle:

São como as almas penadas...
As que não arranjam noivo!

Ella:

E voltam todos os annos,
No mesmo tempo preciso...

Elle:

Vêm com as pompas do v'rão,
Florido como o teu riso!

Ella:

Solto o cabello, buscando
Nascentes de frescas aguas...

Elle:

Para abrandar sabe Deus
Quantos ardôres, que máguas!

Ella:

Não tarda que o bando surja,
Que eu vi sahir uma estrella...

Elle:

Vá de róda, vá de róda,
Que moura encantada é ella!

Ella:

Lá as vejo junto ao tanque,
De bruços, a chapinhar...

Elle:

Meia noite. Vamos todos
As tuas irmãs saudar!

De *D. SANTOS GUERRA*

A QUESTÃO DO DIA

(*Carta ao sr. Carlos Malheiro Dias, a proposito do*

FILHO DAS HERVAS

MEU PRESADO CONFRADE:

Um terrivel accidente, muito parecido com uma catastrophe tremenda, me tem impossibilitado de mais cedo vir agradecer-lhe a obsequiosa offerta do seu bello romance.

Queira por isso receber as minhas desculpas por esta falta, e permitta-me que antes de mais nada o felicite pela forma levantada e nobre como trabalha em melhorar a triste condição da Mulher.

Praxes, leis, preconceitos, decoros e preceitos sociaes, estão unidos e aliados para cruzarem os seus fogos d'uma maneira completa e batem sem treguas as tristes e abandonadas victimas da animalidade do Homem.

O amigo ha de ter visto.

Ao Homem tudo lhe é permittido e nada se lhe péga.

A' mulher tudo a mancha.

Basta um sorriso ligeiramente sublinhado, para a perder.

D'uma parte, direitos illimitados, quasi absolutos, com pouquissimos ou nenhuns deveres effectivos.

Da outra, e em confronto esmagador, uma extensa e solida cadeia de deveres, chumbada a uma grilhêta, que, como symbolo de prisão, figura a renuncia dos mais justos e sagrados direitos.

A emancipação da Mulher impõe-se como uma necessidade e um dever moral e social.

E' precizo e urgente impôr responsabilidade civil e criminal a todo o individuo claramente reconhecido como pai da creança abandonada e faminta.

Eis, a meu vêr, o preceito que, transformado em artigo do codigo, seria o mais efficaz meio para a reparação da affronta e para o demolir do edificio iniquo.

A par d'este artigo na lei, carece-se radicar nas consciencias uma convicção inabalavel:—a necessidade do cumprimento severo do Dever, sem o qual não ha, nem póde haver tranquillidade e satisfação duradoira.

Assim, a reforma principiaria por collocar no seu verdadeiro logar as tres Divindades que ainda até hoje não conseguiram imperar senão no throno coruscante do Ideal:

A Verdade, a Consciencia e a Sinceridade.

*

* *

O seu *Filho das Hervas*, desviando-se dos arbitrarios psychologismos á Bourget, das mystificadoras e não menos arbitrarias evocações historicas, sem nem de leve se inclinar para o romance salchicharia, enveredou por o bom caminho, que é o da Verdade, posta ao serviço d'uma causa justa e social.

Tenho a acção do romance como absolutamente verdadeira e *sentida*.

Aquelle Manuel, que em Coimbra se despede do seu camarada Antonio, é um typo conscienciosa e intemeratamente estudado, que existe e pousou como modêlo no atelier do artista do *Filho das Hervas*.

O mesmo se me offerece dizer-lhe dos outros personagens e situações preponderantes no romance.

E porque assim penso, supponho que V. será um coração affectivo, a quem o espectaculo triste das dôres humanas hade commover e maguar.

Os trabalhadores intellectuaes d'agora são, por via de regra, seres pouco venturosos, porque os atormenta a Duvida, e as suas ambições, tornadas cada vez mais difficeis, arrojam-se para a suprema verdade e para a felicidade infinita—pela vereda luminosa da sciencia.

Mas sendo os nossos meios d'acquisição e comprehensão sobremodo limitados e imperfeitos, segue-se que a nossa sci-

encia—pobre e fallivel sciencia—ha de ser forçosamente limitada e imperfeita.

E' verdade que o soffrimento, tambem obedece á lei das compensações. E não só faz expiar erros pungentes, como traz satisfações futuras.

Só o soffrimento depura e lapida os corações.

E' o soffrimento que, qual sentinella sempre vigilante, nos dá o *álerta* dos deveres imperiosos.

E' o soffrimento que nos volta a trazer a fé perdida e a coragem abatida.

Por isso eu te bemdigo, ó Cruz redemptora dos nossos erros e miserias!

Pois quem pode ahi haver, amigo, d'essas almas que cuidem em entretêr o fôgo sagrado da Idêa e do Sentimento, que não sinta escaldar o sangue nas veias e martelar o pensamento no cerebro?

Pois não é verdade que só desejamos o que não temos, e abandonâmos o que possuimos?

E uma vez abandonada ou perdida uma affeição, é extraordinaria a paixão com que ella torna a occupar o nosso sentimento.

Tenho para mim que o homem não dá pelo bem que possue, como não dá pelo ar que respira... senão quando elle lhe falta.

Só então, inesperada e dolorosamente sobresaltado com os tormentos da saudade e com os rebates do passado, considera a perda que o vem arruinar.

Ainda mais: o soffrimento allumia-nos o cerebro; porque em mim proprio tenho observado como, para comprehender certos estados d'alma, se faz mister a luz sutilima da magua.

E' nas occasiões dolorosas que a gente póde avaliar bem a fallencia do saber humano, a pequenez da nossa estatura e a miseria da nossa condição.

E' nas circumstancias dolorosas que se sente a necessidade de crêr em alguma coisa immaculada e santa, que sobreviva á podridão da materia.

Porque os desejos do homem são insaciaveis e o seu pensamento transpõe as fronteiras dos mundos conhecidos.

E' preciso nos lances dolorosos agarrarmo'-nos a uma tabua salvadora, para não naufragarmos na voragem tenebrosa do suicidio...

E' preciso sacrificarmo'-nos, crêrmos um ideal, amarmos os homens (mesmo com todos os seus defeitos e imperfeições) e fazer por dar allivio aos que soffrem.

Que a dôr torna-nos bons, melhores, generosos e benevolentes, para com os erros e offensas dos outros.

Todos aquelles que muito padecem e por conseguinte se vão avisinhando em espirito da morte, trazem no olhar uns tons de suave melancolia e bondade extraordinarias — uma especie de começo de transfiguração da outra vida, onde vae diluindo-se o perdão geral de todos os aggravos.

*
* *

Não vá porém inferir d'estes dizeres, meu amigo, que eu tente absolver o estudante Manoel, amante d'uma pobre e infortunada costureira que elle não pôde salvar da morte.

A falta do academico peralta, apezar de vulgarissima, é das que não merecem absolvição senão depois de resgatada pela execução d'uma justiça implacável e pelo sacrificio d'uma expiação tremenda.

V., apresentando Manoel, saindo corajosamente da casa paterna, com o filho nos braços, para ir «arrastar uma paternidade que era um castigo, em consequencia d'um amor que fôra um crime» soube rematar com uma situação excepcionalmente commovente e grandiosa o seu livro.

Pena é que tal situação, não possa representar para a grande maioria dos leitores uma solução d'animadora e vibrante consolação.

Porque o seu *Filho das Hervas,* sendo a affirmação d'um grande coração e d'um grande talento; apresentando nas suas paginas a quente palpitação d'uma consciencia sincera e d'uma

logica esmagadora; péca talvez por pôr em scena algumas situações frouxas e um dizer nem sempre bem esmerilhado.

Não que ao estylo falte commoção ou poder incizivo, não.

O que nem sempre me pareceu lá encontrar, foi a idêa vasada em imagens suggestivas e intensamente picturaes.

Estes pequenos senões a que o muito uzo dos difficeis soliloquios não deve ser de todo estranho, ficam amplamente resgatados pelo vivificante sôpro de Justiça que anima todo o livro em palpitações de verdade e nobre intuito.

De *ANTONIO CARVALHAL*

DOR

Sempre triste e esta lugubre tristeza
Apunhala sem dó meu coração...
Quero luctar, ás vezes, mas em vão;
Não tenho forças p'ra uma lucta acceza...

E a minha pobre alma ajoelha e reza
Na fria noite d'esta solidão...
Noite de desespero, de afflicção,
Aonde a minh'alma se sente presa...

Grave, como um velhinho, sem poder,
Caminho pela vida, maguado,
E tudo é Dôr, tudo me faz soffrer...

Desce até mim, dôce visão da aurora!
E liberta a minh'alma d'este Fado:
Leva-a comtigo pelo espaço em fóra...

Porto.

De *ROSINA* (Dr.ª Sophia da Silva)

O baptismo do preto

(A F. L. DA SILVA)

Davam as nove. E por entre o repique fino de sinos longinquos batia marteladas o tão-ba-la-lão da Sé.

O cerieiro da rua dos Cabides chegou á porta, e interrogou com a vista a nesga azul que corria lá no alto entalada na fieira dos beiraes,

—Bom tempo... Temos bom tempo.

Esfregou as mãos e cantarolou o oitavado. Depois voltou para dentro da loja, relanceando os olhos para as coisas familiares,—os cirios pallidos, as vélasinhas com relevos de côres, as ceiras atulhadas de grumos de cêra amarella e de cêra branca, o banco poido em que costumava sentar-se embrulhado no capote depois de aviar os freguezes—e disse para a porta do fundo, porta com cortininha, que estava entreaberta:

—Brazia, meus amorinhos, está um lindo dia... A visinha D. Joanna deve estar contente...

—Olha o quebranto... Estás todo no ar. Quem te falla em festas e folias...

—Antes quero ser folião que carpideiro.

—Andae lá! Não me percas de vista a mulher das sardas que quero mercar um par.

Muito alegre por jovialidade propria, pela belleza da manhã, e pelo contentamento que suppunha na visinha D. Joanna, voltou o cerieiro á porta, cantarolando, a cumprir o mandato de esperar pela vendeira do peixe.

E successivamente passaram: uma mulher apregoando *cassa* e *hollandilha ás varas,* outra offerecendo *reinol* da horta, um donato com a bacia, e uma velha de manto remechendo as contas de resar.

E por largo espaço nada mais. A concorrencia, naquella

estreita rua de Lisboa antiga, não era tanta que impedisse o crescimento de herva e muita, pelas frinchas do mau empedrado.

Algum tempo esperou, pacientemente, especando o corpo magro á humbreira, porque o defeito de ter um pé *varus* incommodava-o e fazia-o coxear; mas, de repente, parecendo-lhe ouvir rumor estranho na outra rua, embuçou-se no capote, pôz, cobrindo-lhe a nuca, um chapeu de typo inqualificavel, e veiu aos pulos, que o pé torto fazia burlescos, á boquinha da rua ver o que provocava o desusado ruido.

Eram os coches reaes que subiam o Chiado.

Dois ou tres minutos depois entrou na loja uma gorda mulata, com o pescoço em dobras, busto copioso, capotinho de droguete alvadio com barra côr de rosa, collete vermelho, sapatos pretos, e um grosso annel de ouro no dedo indicador. Arquejando por grande canceira atirou com o corpo ao banco suspirando alto, num ai, como quem se allivia de um grande fardo.

A Brazia sahiu a recebel-a.

—Ai, Brazia, mana, estou muito velha!...

—Ora, velha sou eu, e é o meu marido, que já vamos nos cincoenta. A senhora Maria Antonia está uma paschoa florida. Vão sendo horas do baptisado.

—Minh'ama está prompta... E venho a dizer que não haja demora. Já deram as nove no convento de S. Francisco.

—E já deram no Carmo. Tarda o pretinho. D'aqui ao becco da Botica d'El-rei são dois passos, é só atravessar o Chiado.

—Verá que falta. Extremos de minha senhora co'a gentalha... Herdeira de uma grande casa aos vinte e seis annos, e sem ter com que se entreter, vae deitando os cruzados pela janella fóra.

—Que tambem a creança já de tres annos e sem baptismo... só nos Indios; cruzes!...

—Mais valera se gastara com os de casa. Olhe, commigo... Sou aia da senhora D. Joanna ha dez annos... Pois, hontem, pedi-lhe uma palatina já fóra do uso, e não m'a deu. Mas pa-

ra este filho de nónáda, filho de uma preta que anda a comer a sopa nas portarias...

Interrompeu-lhe a parlenda um cego papelista a apregoar com voz nasalada, mesmo em frente da loja, a sua varia missanga litteraria: folhinhas de porta e de algibeira, vidas de santos, etc.

—Pst, oh irmãosinho! acudiu a Brazia, tambem leva o lunario?

—Tambem, sim, minha devota.

O cego tacteou o formato das brochuras, e, escolhendo uma, entregou-lh'a.

—Veja a senhora Maria Antonia, que eu, sem os meus oculos, não vejo nada.

Queria dizer que só lia soletrando.

—Lunario para o anno de 1754.

Uma tosse secca, e um bater caracteristico do calçado, deram-lhe rebate da volta do marido.

Pagou o lunario á pressa e foi logo impondo o cego para a rua.

—Vá com Deus, irmãosinho.

E, por ver a mulata rir-se, accrescentou:

—Não, que o meu homem se me vê comprar estas cousas não lhe abasta o dia para chanças.

—Ora Deus seja nesta casa, disse o cerieiro logo da porta. E a senhora Maria Antonia como passa?

—Ai, filho, mal.

Atraz do cerieiro vinha uma preta maltrapida com um pretinho pela mão. Olhou para todos com um sorriso obsequioso e humilde, fazendo muitas zumbaias à mulata, à Brazia, ao marido, e, Deus lhe perdôe, às pernas e ás cabeças de cera que pareciam fugidas, com a sua pallidez de carne morta, de alguma banca anatomica.

A mulata mirou com desdem o rapazinho muito á larga num fato refegado que não fôra feito para elle.

—Está enfezadinha a creança.

—E' sétemézinho, disse a mãe.

E para lhe ser perdoado o arrojo de fallar tornou a repetir as mesuras.

—Estamos todos. A caminho.

Sahiram as mulheres, e sahiu o pretinho; o dono da casa ficou para fechar o estabelecimento.

Vinha pelo meio da rua, com hesitações, inteiriçando muito as pernas, e fazendo tinir as espóras, um sujeito que parecia proprietario rural dos arrabaldes, talvez morgado.

Parou a ver a occupação do cerieiro, o que provocou este a reparar nelle, affirmando-se-lhe nas feições mais de uma vez.

Por fim o desconhecido decidiu-se a dizer que procurava a rua dos Ourivezes, onde desejava comprar uma prenda para offerecer a certa senhora. O dono da loja respondeu-lhe, com malicia, que a rua dos Ourives ainda ficava longe, e que lhe parecia acertado offerecer á senhora um arratel de cera para o seu oratorio...

E perguntando-lhe o outro se aquillo era costume na côrte, respondeu muito ancho: —que sim, que era agora o rigor da França...

Descerrando a porta, já com o fito no negocio, ia respondendo ás objecções do adventicio.

—Não é presente que faça vista? Junta-se-lhe uma d'estas cabeças. Escolhe-se uma que se pareça com vossa mercê,

E' como quem dá o seu retrato.

E para estimular o freguez dispoz rapidamente sobre uma tabua meia duzia d'ellas, acompanhando a exposição com dizeres proprios a convencel-o a escolher; mas, ao outro, depois de longa meditação, de as considerar com a vista baixa e modos embezerrados, nenhuma pareceu a proposito.

Não eram barbadas.

Nenhuma se parecia com elle.

Foi o cerieiro buscar um espelho da mulher para lhe mostrar infundada a sua scisma.

O supposto morgado cuspiu para a banda, pegou no espelho desgeitosamente, resmungou, chamou áquillo vidro embaciado, e concluiu por dizer que melhor se via a gente na fonte da sua quinta.

Voltara a Brazia a tempo de ouvir estas palavras, e, escandalisada, tirou-lh'o logo da mão.

—Ai, appello eu, o meu melhor espelho...

Bafejou-o com muito cuidado, limpou-o com um lenço da India, e foi ao interior da casa pôl-o sobre um bufete negro tapado com uma toalha de rendas.

Quando voltou investiu com o fidalgote.

—Valha-me o Bautista. Vossa mercê ha de desculpar, mas isto não são cousas encobertas que seja preciso védor. Não são barbadas?... Faça de conta que estas são cabeças de aquando vossa mercê era menino.

A tão sabias palavras, e outras com que se lhe encareceu a parecença, o morgado rendeu-se.

Feita a compra, o marido, ao guardar o dinheiro numa gaveta, achou o lunario.

—Em que tu gastas o dinheiro, mulher!...

—Ora...

—Isto são palhas alhas.

—Ora...

—Estes escriptos não valem uma bugia de cebo.

—Ora...

—Deus está acima de tudo.

Para acabar com a ladainha a Brazia sahiu. O marido sahiu logo, tambem, e fechou a loja. Seguiram ambos a encorporar-se no rancho que esperava lá adiante junto á casa da visinha D. Joanna. Esta ainda os fez demorar um quarto de hora, de guarda ao portão. Ia a fidalga, por caridade, ser madrinha do filho da mendiga, e estava convidado para padrinho o cerieiro.

Quando ella appareceu na rua o padrinho cumprimentou-a com lisongeiras palavras, dando ar de riso á face secca, encarquilhada e pallida; no queixo, saliente e bem escanhoado, uma borbulha de cabellos tremia. Em D. Joanna o rosto era trigueiro, os olhos pretos, e a bocca fresca e rosada; uma ligeira sombra de buço afagava-lhe o labio superior. Tinha saia de bambolins, manto de lustro, um rico collar de grossas perolas ao pescoço, e os pés, como duas papoulas, em sapatos de velludo berne com galões de ouro. Ricas manilhas tiniam nos pulsos, sobre as luvas. No rosto dois signaes: um na covi-

nha da face, outro junto á orelha, que chamavam, respectivamente, *folgasão* *ventador*. De toda e exhalava-se o aroma do jasmim e da a a de lor.

Recebeu as homenagens do padrinho com ar sereno, e disse á mulata com vozinha adocicada e meneios pretenciosos:

—Olhae, Maria Antonia, tende mão nessa creança...

Em seguida começaram a caminhar. Poucos passos andados, sahiu da esquina uma dama velada.

Um moço ajanotado, a que naquelle tempo chamavam *faceiras*, dirigia-lhe galanteios. A fidalga ao vel-os parou. A dama seguiu cortando-lhe os passos, e, como lhe percebesse curiosidade, descerrou o manto para se ver que era muito nova e bonita. Então D. Joanna desembuçou-se tambem, e mostrou o rosto em que os labios sorriam graciosamente, e uma rugasinha reprehensiva quebrava a limpidez da fronte. Pasmo e confusão do *faceira* ao vel-a, por surprehendido em flagrante delicto de dizer finezas a outra dama.

Aprumou-se logo, com os pés em esquadria, depois dobrou o corpo numa cortezia de mergulho, o cotovelo em angulo, o chapeu junto dos labios como quem o beija. A cada movimento da cabeça inquieta evolam-se os povilhos, tenues e perfumados como uma exhalação. Apreciando estes movimentos a fidalga investigou com um rapido olhar a apurada elegancia do moço, a sua casaca azul, as luvas brancas, os galões de prata, a firmeza das pernas esticadas em meias de seda.

E passaram a explicações.

Facil lhe foi justificar por simples acaso a sua presença alli. Vinha do Lausperenne na Trindade. Estava a rainha nossa senhora e a senhora infante; e estavam muitas outras pessoas, oh! todas eram pessoas da côrte; S. M. tinha um rosicler de esmeraldas, muito lindo... Quê?... Não, não tinha donaire. A morgada da Ribeira do Outeiro veiu de sege. Está muito acabada... trôpega de pernas, chupada de face, seca de busto... Tinha uma cruz de brilhantes. Romperam-se-lhe os bambolins da saia... Cousa de riso. O filho tem agora um bello cavallo ruço. Não ha melhor nas estrebarias d'el-rei. Nem sei se para tanto lhes rende a commenda.

E como apesar do atordoamento d'este palavriado dito com rapidez, ella, silenciosa, continuasse a franzir os labios num geito de amuo, elle inclinou se-lhe á orelha a dizer-lhe com a doçura das confidencias amorosas:

—Eu, prima, não sou relogio do Carmo, que anda e desanda. Sou homem de uma só fé...

—Então porque vinha fallando áquella mulher?...

—Eu lhe explico. Travessuras do deus rapaz. Quando me aparto da prima, o Amor, por pirraça, enche-me tanto os olhos com a pintura fiel do seu rosto que por toda a parte a vejo. Sim; algumas lôas lhe disse; mas não eram a ella... São tropheus e incenso para o altar da vossa formosura...

Fez uma cortezia rapando o pé no chão, e continuou:

—Ser distrahido não é crime de Pelourinho.

Depois muito satisfeito de si, e de a ver sorrir, relanceou os olhos para o estranho cortejo, e perguntou:

—E não me dirá, porque, sendo a prima uma Venus perfeita, leva por escudeiro um Cupido de ruim carão e pernas zambras?...

D. Joanna referiu-lhe o seu proposito de fazer baptisar a creança. Elle louvou muito a intenção e indagou quem era o padrinho. Tinha escolhido o cerieiro por ser amigo da familia de D. Joanna desde a infancia d'ella, e ser homem muito esmoler.

Elle repelliu indignado tal idéa:

—Prima, por discreto me tenho, e por vosso tambem. Nunca o espinafre ostentou galas a par com a rosa. E a prima nem para se engrandecer mais caritativa, nem para brilhar mais formosa, precisa de corypheu tão derreado.

Parlamentaram com o padrinho, que, bonacheirão, e despido das vaidades d'este mundo, cedeu o seu logar: —Por certo, foi dizendo, que ao primo da senhora competia aquelle logar, e não a outro, porque lé com lé e cré com cré!

Dirigiram-se então para a egreja de Nossa Senhora dos Martyres.

A viração suave arrancava perfumes da cerca dos frades de S. Francisco, escurecida de sombras e povoado de aves cantoras.

De poleiro, nas saliencias da encosta fragosa que ondeia até aos Romulares, algumas cabras trincam os gomos dos arbustos novos.

Depois de transporem o portal, a mulata, que era a ultima, parou no atrio, porque o seu thorax enchumaçado de banhas, funcionava mal, e, aproveitando essa pausa, o andador que desde que os avistára arregalava uns olhos pasmados, tratou de saciar a sua ardente curiosidade. A narrativa da Maria Antonia escutada com um franzir de testa, beiço descahido e engelhas na face, reveladoras de grande attenção, concluiu:

—E' de muita caridade...

E os pobres que se tinham agrupado a ouvir repetiram, tambem, a meia voz:

—E' de muita caridade.

Entretanto decorre o baptismo.

Apoiando-se á balaustrada, para melhor equilibrio, vae o cerieiro pasmando para o quadro da tomada de Lisboa debuxado a côres no tecto pelo Vieira Lusitano, e enquadrado em estuque pelo italiano Grossi; depois abaixa a vista para o sombreado dos marmores da capella mór, fascina-se com a prata das lampadas e aspira com prazer o remoto perfume do incenso.

Finda a ceremonia vêem todos para a rua.

A' sahida o cerieiro distribue uns cobres pelo andador e pelos mendigos.

—E' de muita caridade, murmuram elles.

A preta bamboleia-se no adro deante do seu menino dando estalinhos com os dedos.

Brazia e Maria Antonia conversam descendo devagar.

E no cimo dos degraus apparece por fim o par gentil.

Na luz, que vem d'alto, córa-se de melhor azul o tecido da casaca, fulge mais brilhante o fio d'ouro dos bordados, a cada palpitação do seio passam estremecimentos faiscantes nas lantejoulas do justilho, alvejam de neve os polvilhos, a seda do vestido recebe ondulações lustrosas da brisa fina, as fivelas de prata impõem-se á vista como traços de fogo, e uma

côr rosea de radiante mocidade e de alegria purpureja as faces dos dois primos.

—Prima, Deus a guarde como anjo seu.

Curvou-se numa mesura de côrte e retirou-se.

D. Joanna esmolou a preta com algumas moedas de prata, para, ao menos uma vez na vida, dar suéto á gula e fazer figas á abstinencia, indo comer ao pastilheiro um bocado de vacca bem assada e algum acepipe de gulosina.

PALINGENESIA

Um velho quasi-centenario: exhausto:
Surda a memoria, a phantasia cega;
E morto o coração, aonde não chega
Do ar puro e livre uma golfada, um hausto.

Vêde-o prostrado ao canto d'uma rua,
Entre o azylo, o hospital e a sepultura...
Um velho assim é como noite escura:
Nem luz d'estrellas, nem clarões de lua!

Um velho assim é como o Inverno: frio...
Aves não trillam, não florescem rosas!...
—Bons tempos esses das Canções gloriosas,
Onde escachoavam a paixão e o brio!

—Bons tempos esses de gloriosa chamma,
Balsão aos ventos, rutilando a espada:
E o peito a arfar, fremente, na estacada,
Pelo Rei, pela Patria e pela Dama!

—Bons tempos... ai! mas como ha-de elle, agora,
Lembrar-se, o inutil velho, do Passado?...
Se foi, como Camões, poeta e soldado,
Nem já se lembra do que fosse outr'ora!

Vão-lhe lá falar a elle da Epopeia
Em que ergueu, poeta e heroe, a voz e o braço:
Fica-lhe o rosto amodorrado; e baço
O olhar que, môço, lhe incendera a Ideia.

Do Amor lhe falam? da Mulher lhe exaltam
Todas as graças que elle amou?—Se accaso

Seus mortos olhos, como o Sol no occaso,
Duns posthumos clarões ainda se esmaltam:

Luz de vida não é! Como o cometa,
Brilhante embora, presagia morte,
Quando passa no ceo,—da mesma sorte
E' luz fatidica essa luz inquieta.

E, se outra chamma o galvanisa e engana
Os nossos olhos, ai!... é chamma espuria:
E' a chamma obscena da senil luxuria
Que noutros tempos fez córar Suzanna.

Nos seus labios, onde a ancia derradeira
Tange a agonia, uma saudade treme...
Mas de que vale?!... O sphynge tambem geme:
Ambos teem no peito uma caveira.

Ambos, sim! mas no Velho é realidade
O que no Sphynge apenas é... estampa:
Do Homem-Seculo o arcaboiço é campa
Do coração que teve noutra edade.

Ide auscultar-lhe o peito duro e secco...
Falae-lhe: respondeu-vos?...—Illusão!
Morto é o rochedo: e, emtanto, as vozes dão
No rochedo: e o rochedo exhala um ecco.

Urna de cinzas—cinza espalha: vêde-o!
Onde o sol brilhe e a mocidade cante,
—Pesadello ambulante e torturante...—
Seu bafo sopra a escuridão e o tedio.

Emmudecem os crótalos; guitarras
Emmudecem ao ver-lhe o riso idiota...

E' como o Cholera: a alegria enxota.
Peor que a fome: em vez de mãos, tem garras.

Phantasma do que foi, como os phantasmas,
Gela aos labios o riso e o sangue ás veias...
—O Lago onde floriam as Nympheas
E' um Pantano onde fervem os Miasmas.

*
* *

Ora o Velho que eu digo é a allegoria
Do Fim-de-Seculo em que Nós viemos...
Sem crenças, sem amor, sem poesia,
Assim os tempos são: e assim nascemos:

Já velhos ao nascer! desenganados,
—Talvez que da experiencia d'outras Vidas...
E tristes ao nascer! e derreados,
Como de penitencias não cumpridas!

Ainda no berço, uma cruel Canidia,
Anjos que somos, fez de nós Gorillas...
Se os cabellos tingimos com ophridia,
As cans do Coração... como tingil-as?

Debalde ensaiamos risos ao espelho
E reaccendemos as pupillas baças...
Cahimos no ridiculo dum velho
Que quer de moço apparentar as graças.

Somos os Velhos de que fala Homero:
—Admiramos Helena, das muralhas;
E falta-nos o ardor do desespero
P'ra morrermos por Ella, nas batalhas.

As proprias Almas que Deus fez cantando
E p'ra cantarem as mandou ao Mundo...

Eram Cysnes: mas o halito do fundo
Em Mochos converteu o alegre bando! ..

Assim como o escorpião, se se exaspera,
A cauda em dardo na cabeça espeta,
P'ra si proprio das azas da Quimera
Fez roda-de-navalhas o Poeta...

Fez do seu sonho d'oiro uma nevrose
Esteril e pesada como chumbo...
E, por uma fatal metamorphose,
Seus poemas gritos são como os do lumbo.

Gritos de febre de quem arde em febre
Sem ver nem luz de sol nem luz d'estrellas,
Entre as quatro paredes dum casebre
Com cortinas de crepe nas janellas.

Poemas assim não são nem flor nem fructo;
São parasitas, como os cogumellos:
Nascem num tronco morto e já corrupto...
São venenosos, bem que sejam bellos.

Bellos poemas em que a Dor se exalta
E o Poeta ao desespero nos convida...
Sejam bellos! que importa?... Se lhes falta
O sol do Amor e um grande amor á Vida!

Bellos poemas... mas que não aquecem:
Brilham apenas, como as chammas fatuas..
Bellos poemas, sim; mas que parecem
Como os olhos vasios das estatuas...

Que os nossos olhos pavidos, absortos,
O que elles digam nem sequer pesquisem:

Versos assim não falam: estão mortos!
Dizem-nos tudo... porque nada dizem.

—«Mas são bellos! que importa que não falem?
Rosas tambem não falam:—são formosas...»
—Taes versos não são rosas; bem que exhalem,
Como os myrmeleões, um cheiro a rosas.

E rosas fossem:—rosas da Anemia,
Quem d'ellas goste p'ra seu uso as plante!
Eu quero a Arte robusta, a Arte sadia
Que cante o Amor, que a Natureza cante.

*
* *

Tambem eu assim fui: e assim pensava,
Vendo da Vida o que ella tem d'impura:
E encarava de frente a sepultura
Sem saudades do axilio em que penava.

Não sei que mão pesada, como a Clava
De Hercules, me impellia á noite escura
Da valla, onde a podridão... fulgura!
Eu, subjugado, nem p'ra traz olhava...

Era a invencivel attracção do Abysmo:
Ourava-me a cabeça em braza... e fria!
Pesava-me no peito um cataclismo!

Enjaulado, anhelava a liberdade,
Como quem escabuja na agonia
D'um pesadello cheio de anciedade.

E vinha o desalento.—O ceo de lama;
A terra como o ceo; e como a terra

A Alma do homem, cujas portas cerra
O Egoismo ao clamor de quem a chama...

E a andorinha da Fé lá se desterra
Do coração!... Um sopro apaga a chamma:
Um cheiro a sangue em torno se derrama:
Sentem-se nauseas... Pois, se a Vida é a Guerra!

Para que hei-de—pensava—abrir os olhos
E os labios e os ouvidos, se em redor
Almas, roidas de lepra e de piolhos,

Tapam a luz co'as azas de morcêgo
E grasnam como corvos?!—Um horror!
Antes ser surdo e mudo, surdo e cego!

Antes ser ignorante como as flores
Que espalham, sem saber, egual fragancia,
Ou desabrochem numa alegre estancia
Ou as rodeie um hospital de dôres...

Ter antes das estrellas a ignorancia,
Que, sempre eguaes e sempre superiores,
Tanto allumiam odios quanto amores...
Quem me dera voltar de novo á infancia!

Nada saber, nada temer e nada
Desejar:—não ser Nada; isto é: ser Tudo!
—Joia guardada em cofre de veludo,

Ser uma alma de si propria ignorada!—
Como a perola na ostra ainda escondida
Viver... mas não saber o que é a Vida!

Saber ? ! . . . Se eu não sei nada : nem procuro
Saber de cousa alguma alguma cousa ! . . .
A gente, de ordinario, só repousa
Bem e adormece bem num quarto escuro . . .

E dorme-se tão bem sob uma lousa
Sonhando—porque não ? ! . . .—um ceu mais puro !
Por isso ante os meus olhos ergo um muro :
E os labios mordo, quando abril-os ousa

—Porque é ? porque não é ?—o Instincto, a Besta !
—Porquê ? ! . . . Mas porque sim !—logo protesta
A Alma : e a Alma—feliz d'ella . . . porque ignora.

Antes a inercia, que o mover-se á tôa . .
Não disse o Poeta : —Quem mais alto vôa
Mais fundo cahe—? . . . Abrir as azas ? ! Ora !

*
* *

Crise medonha foi ! se foi ! Ainda me lembro !
Era Abril lá por fóra ; e cá dentro Dezembro !
Neve no coração ; e pelos prados sol ! . . .
E, como em noite negra em que se tramam roubos
Uma creança perdida a ouvir uivar os lobos,
Eu parado e tranzido á espera do Arrebol ! . . .

Os que partem á Vida ao romper da Alvorada
Nas azas da Esperança e vão em debandada
Em busca do Futuro, altivos, a cantar :
Os que partem ao som da musica sonora
Que dá azas aos pés e as forças revigora,
Certos de que hão-de achar um Deus p'ra o seu Altar :

Os que avistam do Berço a Terra-Promettida,
Cruzados cuja fronte os torneios da Vida
Hão-de ao depois cingir de fulgidos laureis :

Os que teem sequer um doce olhar a ungil-os
Antes de entrar na Arena; e assim marcham tranquillos,
Como os Crentes d'outr'ora ao encontro dos Infieis:

Esses ditosos são! Poucos que sejam, ha-os!
Ha quem um Eden veja onde se occulta um Cahos
E assim vá, vida fóra, á mercê do Bom-Deus...
Abre-se o Mundo-Novo ás suas caravellas:
E, como no alto mar, ao sol, as claras vellas,
Contemplam a sorrir a abobada dos ceos!

Mas d'esses não fui eu! Eu fui dos condemnados
A andarem no deserto aos encontrões dos fados,
Sem ter maná do ceo, nem vara de Moysés.
Muitos annos eu fui atraz dos companheiros,
A chorar e a bradar tambem, como os deanteiros,
Sem que visse a Canaan onde hoje ponho os pés.

*
* *

E foi bem grande a noite!... E o pesadello
Que insupportavel foi!... A eternidade
Das longas horas, longas d'anciedade,
Fez-nos, é certo, os corações de gelo...

Somos velhos. Quem sabe a nossa edade?
Accordamos com brancas no cabello!...
Mas que o sol nasça e que possamos vêl-o:
—Cantar-nos-á no peito a mocidade!

Quem não morreu de todo ainda se salva:
Olhae:—lá vem rompendo a Estrella-d'alva,
Nuncia do Dia...

Oiço hallalís de gloria; vejo palmas...
Irmãos! oh meus irmãos! erguei as almas!
Alleluia!

—Abrir os olhos ? ! Para quê, se ainda
E' noite e a neve cae ? ! Nada se enxerga !
Por mais que a gente os olhos tristes erga,
Só vê a noite,—a noite que não finda !

Vale bem mais fechal-os... Numa enxerga
Sonha-se ás vezes tanta coisa linda !
Que doido é esse que annuncia a vinda
Do Messias ? !... Em que estabulo se alberga ? !...

—Sabeis quem fala assim ? Somos nós todos
Que não vemos, que não sentimos—doudos !
O Eterno-Ideal

A renascer em nós, no nosso ventre,
Na nossa alma ! e ainda hesitamos entre
O Bem e o Mal !

Desça o Espirito-Sancto sobre cada
Um dos Apostolos futuros ! desça
E ponha o seu Signal sobre a cabeça
Dos homens que partirem p'ra a Cruzada !

Quem mais depressa accorde, mais depressa
Verá a sua esperança realisada :
Ergamo-nos ao toque d'alvorada,
Que Deus ha-de cumprir a sua promessa !

Cada um de nós dentro do peito leva
Um astro acceso...—Esconde toda a treva
Um grão de luz ..

Se a Carne é quem nos torna a Alma tremula
E fraca e abominavel,—immolemol-a,
Como Jesus !

Espiritualisemos-nos! Para isso
E' que se arde na fragua da miseria.
Quem sentir a Alma fraca—retempere-a
E alce depois os hombros insubmisso.

E' um collete de forças a Materia?...
Pois dispamol-o! A Vida é um compromisso.
Deixe cada um de nós de ser Noviço,
Que é já tempo de entrar na vida seria.

Corem ao sol da Fé as Almas, palidas
Do somno que dormiram annos e annos,
Como crysalidas...

A Carne faz-se Espirito nas brazas
Do sacrificio! Ergamos-nos! Estão-nos
Vibrando as azas!...

CARLOS DE LEMOS.

EMFIM, ADVOGADAS!

E' verdade, minhas queridas leitoras: - *Emfim, advogadas!* Assim vinha epigraphado o primeiro artigo d'um dos passados numeros do *Le Nouvelliste de l'Oise,* excellente jornal que ha pouco começou de publicar-se no Beauvais, sob a direcção do illustre poeta e publicista, nosso prestimoso collaborador, M.r Ary René d'Yvermont (A. Parthénis).

Nesse artigo vi eu que o Senado, referendando a lei approvada pela Camara sobre tal assumpto, acabava de reconhecer á mulher, por uma votação de 172 senadores contra 34, o direito de exercer, como o homem, a profissão de advogado. Pois que dava-se na França este inqualificavel absurdo:—podia a mulher ser bacharel em lettras e bacharel em sciencias; matricular-se na Faculdade de direito; fazer licenciado; revelar-se competentissima na explicação das Pandectas e na analyse do Codigo Napoleonico; obter finalmente o diploma de doutor: tudo o que requer esforços, intelligencia, sciencia, no dominio do direito, podia ella alcançal-o:—o que não podia (coisa curiosissima a força do preconceito: e coisa mais curiosa ainda a nossa cegueira para lhe não vermos o ridiculo e a estupidez!) o que não podia e só d'aqui a alguns dias poderá, quando a lei agora approvada apparecer no *Journal Officiel*—era tirar proveito do seu estudo; fazer uso do seu diploma; exercer finalmente a profissão para que as vigilias de largos annos a tinham tornado competentissima!

Porquê?!...

Os resultados, que o *Office du Travail* publica, do recenseamento das profissões em França, levado a cabo pelos agentes do Ministerio das Finanças, veem ainda tornar mais flagrante o absurdo, ou, se assim o preferem, mais justificavel a nossa surpresa.

E' o caso que, em França, onde de 38$500:000 habitantes

apenas 18:467:388 cidadãos—menos de metade—é que trabalham, apparecem-nos exercendo profissões liberaes 138:460 mulheres, numero inferior, é certo, mas relativamente pouco inferior, ao dos homens nas mesmas condições. Parece pois, em face d'estes dados estatisticos, poder concluir-se, sem receio de contestação, que a mulher franceza, apesar da sua tão apregoada frivolidade, é, pelo menos, tão affeiçoada ao trabalho como o homem e tão apta, pelo menos, como o homem a obter, pelo trabalho, a sua subsistencia: a lição dos numeros é clara: num paiz em que o trabalho está ou deve estar garantido a todos os homens, mais de metade d'esses homens vivem muito regalados na ociosidade, bemdizendo, de braços beatificamente cruzados sobre a pança, a herança ou a fortuna que os livra de pensar no pão de amanhã: e nesse mesmo paiz, as mulheres, condemnadas pelas leis que os homens fizeram a serem parasitas, ellas que bem podiam, quando mais não fosse senão em revindicta, deixar-se manter, já que assim o queriam, e gosar, pois que a satisfação da independencia lh'a não consentiam, a compensação sequer do *dolce-farniente* a que o exemplo de tantos homens lhes servia de estimulo, as mulheres, essas, conseguem, apesar de todas as prohibições e de todas as restricções, apresentar num ramo da actividade humana nada menos que 138:460 mulheres trabalhando ao lado de 199:046 homens!

Não lhes dizia eu que a estatistica vinha pôr em maior relevo ainda o absurdo do preconceito que felizmente vae desapparecer com a inscripção de Mlle. Chauvin no registro dos advogados do Palais?...

Podia a mulher ser jornalista, mister que tanta circumspecção e saber demanda, para que a imprensa se não torne, como tantas vezes á mingua de taes requisitos em quem a exerce, perturbadora da sociadade, desorientadora da opinião e pedra d'escandalo para quantos serena e desapaixonadamente lhe apreciem os processos: podia a mulher exercer a medicina, profissão que requer tal prudencia, tacto e sangue-frio, que muitos e muitos homens, superiormente dotados quanto a

intelligencia, depois de, á custa de largos annos d'estudo, terem obtido o almejado diploma, se sentem incapazes de a exercer e vão procurar noutro ramo do trabalho mister mais conforme aos seus gostos e ás suas aptidões: podia a mulher empregar-se na pharmacia, cuja pratica exige tanta serenidade, tanto rigor e tanto tino que, apesar de obrigados a um largo tirocinio e não apenas á habilitação theorica, assim mesmo não deixam de infelizmente ser frequentes os lamentaveis desastres a que dão causa os descuidos, equivocos e imprudencias dos homens que a professam: estas e outras profissões, tanto como estas honrosas, mas não de tanta responsabilidade como estas—podia a mulher exercel-as e realmente as tem exercido, sem que de tal resultasse prejuiso para a sociedade; pelo contrario: mas a profissão de advogado, essa . . não, não a exercia; não, não podia exercel-a!...

Porquê?!...

Accaso a profissão de advogado exigiria mais senso moral que a de jornalista, mais intelligencia que a de medico, mais circumspecção que a de pharmaceutico?!. .

Pois, o que é que sobretudo se requer no advogado?—Creio que conhecer as leis e saber fallar. As leis tinha a mulher ido estudal-as nos bancos da Universidade: saber fallar... Mas que homem, a não ser um genio, haverá ahi mais eloquente que uma mulher medianamente illustrada, desde que bem compenetrada esteja do seu assumpto?! . .

Mas então. . .

Mas então (e isto não nol-o diz Mr. Ary René no artigo que a mim me suscitou estas paginas; mas sim o correspondente de Paris para não sei já que jornal cá da nossa terra) mas então, vejam as minhas amaveis leitoras as ponderosissimas rasões a que se acostava um dos 34 senadores contrarios á approvação da lei; e *ab uno*... (perdão para o inevitavel latim!): dizia elle:

«Se eu tivesse de me dirigir ás damas para as precaver «contra o perigoso dom que se pretende neste momente conce«der-lhes, dir-lhes-ia:—Depois que o mundo é mundo, vós

«governaes a humanidade pelo espirito, pela bellesa, pela graça «e pelo coração. Continuae a dispôr como até agora d'essas se- «ducções irresistiveis e não nos invejeis esta toga ridicula e esta «algaravia desconnexa, cujas expressões farão de certo na vossa «bocca um effeito tão triste como desagradavel. Peço ao Se- «nado que não inflija ás damas similhante degradação do seu «merito. Quanto a mim, até novo aviso, recuso-me a commet- «ter este crime de lesa-magestade feminina.

Lá como cá. Os adversarios da emancipação da mulher são como os realejos das ruas que a todas as esquinas rouqueijam a mesma—sempre a mesma!—estafadissima musica. Ora vejam: lá vem o mesmo «dominio pela bellesa» e mais partes; as mesmas «seducções irresistiveis»; a mesma «degradação do seu merito»; e finalmente, como girandola final (*finis coronat*... Perdão mais uma vez, minhas queridas leitoras!)o mesmo «crime de lesa-magestade feminina»!

E' tudo; e é estupendo: é isto; e é de morrer a rir.

E quando a gente pensa que um homem serio e respeitavel, certamente soccorrido de largo estudo e experiencia, só encontra d'estas coisas para dizer; e que para dizel-as se ergueu no meio d'uma assembleia por tantos motivos digna de toda a consideração; e que, depois de tel-as dicto, muito satisfeito da sua pessoa se sentou, lançando desvanecidamente os olhos pelas galerias, emquanto dos lados, como é de etiqueta, se lhe estendem applaudidoras as mãos d'uma dusia de collegas veneraveis: quando a gente pensa isto, oh deuses! nem sei se é de morrer a rir, se é de chorar até morrer, vendo até que ponto podem obcecar um espirito o amor da rotina ou o desatino da paixão!

Pois por ventura a mulher espirituosa e bella, só porque exerça a advocacia, perderá espirito e belleza e lhe fugirá a graça e lhe seccará o coração? Mas vá que tal desgraça d'ahi resultasse: como é então que o estudo do Direito a deixa, por via de regra, tão senhora d'esses inestimaveis predicados como quando o encetou? e se o estudo lhe é, como o trabalho, prejudicial, porque é então que lhe permittem aquelle e lhe

pretendem prohibir este? E se um e outro lhe devem ser vedados para salvaguarda dos encantos com que a natureza se dignou gratifical-a, porque a não isentam então da miseria que traz a doença ou leva ao vicio, que conduz ao hospital ou ao prostibulo? Vamos: prohiba-se á mulher que trabalhe: mas estabeleça-se-lhe simultaneamente uma pensão e, pois que o seu unico fim é fazer uso das suas irresistiveis seducções, dê-se a cada mulher um homem que a proteja, que a estime e que para ella trabalhe e para ella viva: e quando isso se tiver obtido, aponte-se-lhe o lar e diga-se-lhe então:—O teu logar é ali: tens ali o teu homem: tens ali os teus filhos: tens ali a tua familia. A tua obrigação é amal-os e fazel-os felizes. Quanto ao mais, escusas de te inquietar: nada te faltará: descansa.

Ah! se isso pudesse ser!... e penso que ainda um dia isso assim ha-de ser; tarde, muito tarde; mas um dia... Emquanto, pelo contrario, de cem mulheres cincoenta pelo menos ou não encontram marido ou, se o encontram, é tal que, longe de garantir-lhes a subsistencia, lhes vae complicar ainda mais a vida pelos encargos da prole, afóra o mais: que remedio senão tractar a mulher de se bastar a si propria, de obter um modo de vida e por elle garantir a sua independencia, para não ter de se render, para não ter de se humilhar, para não ter de se vender?!...

Ah! os corcodilos! o que elles lamentam a perda do espirito, da belleza, da graça e do coração: como se fossem isso dotes que o estudo e o trabalho fizessem perder! e então a perda da dignidade, da independencia, da honra, a perda suprema e irremediavel, essa que a ignorancia, a ociosidade e a miseria tornam fatal, não na vêem? não na lamentam? não lhes inspira cuidado? não lhes merece attenção?...

Adeante. Apesar de tudo, queiram ou não queiram, lentamente, sim, mas por isso mesmo com maior segurança, a grande obra vae avançando sempre! Ahi temos nós agora mais um triumpho a registar no activo das reivindicações femininas.

As mulheres em França podiam estudar o direito: mas

não podiam exercer a advocacia. Eil-as emfim advogadas! Em boa hora seja: que ha-de ser: tenho essa fé.

«Laissons donc, escrevia o nosso presadissimo camarada «do *Le Nouvelliste*, laissons donc les femmes, sans parti pris, «s'asseoir à nos côtés, laissons les défendre par devant la jus-«tice les droits de beaucoup d'entre elles, laissons les plaider; «peut-être les juges jusqu'ici inéxorables pour bien des fem-«mes, seront-ils en fin de compte touchés par la parole saine «et poétique des défenderesses du sexe faible.

E ahi está Mlle. Chauvin, que, como disse, será a primeira a inscrever-se como advogada, propondo-se apenas pleitear em prol dos interesses das mulheres e das creanças... Que bella missão! E como Deus ha-de forçosamente inspiral-a bem para a cumprir como deseja e deve!

*
* *

E agora, para terminar;

Pois que da França copiamos infelizmente tanta coisa má ou inutil, se nós fossemos imital-a nisto!... Hein?!...

Isso sim! Desatavam logo os realejos de cá a moer, ainda mais desafinadamente, aquella mesma musica que nós sabemos—de «rainhas do lar» «seducções irresistiveis» «crime de lesa-magestade feminina» e o mais que atraz se viu!...

Mas acabou-se: a França deu o exemplo: honra lhe seja!

E, por que a *Ave-Azul* em Portugal tem, com applauso de muitos, sustentado já larga campanha em prol da emancipação da mulher, aqui fica registado o nosso caloroso applauso á generosa obra de justiça iniciada pela Camara e levada a cabo pelo Senado, sob os auspicios do Ministerio Valdeck-Rousseau que por tal motivo se tornou crédor da gratidão de todas as mulheres.

CARLOS DE LEMOS.

Historia da douta Sympathia [1]

Quando chegou

A noite 270

A pequenita Dinazarda esperou que Scezerarda tivesse acabado de fallar ao rei Schahriar e disse-lhe erguendo a cabeça: «Minha irmã, é um favor que eu te peço: por que esperas tu agora, que nos não contas umas anecdotas do delicioso poeta Abu-Nowas, o amigo de Kalifa, o mais encantador de todos os poetas do Irán e da Arabia?» Sorriu-se Scezerarda para a irmã e disse-lhe: «Só espero pela permissão do rei para contar algumas das aventuras d'Abu-Nowas que na verdade era um requintado poeta mas tambem, valha a verdade, um grandissimo libertino!»

Ergueu-se então d'um salto a pequenita Dinazarda e correu a beijar a irmã, gritando-lhe: «Oh! dize lá: então o que é que elle fez? Vá: dize: não te demores!»

E voltando-se para Scezerarda, o rei Schahriar disse-lhe assim:

«Em boa verdade, Scezerarda, que me não desagradará ouvir-te contar-nos uma ou duas d'essas aventuras que já estou vendo que hão de ser deliciosas. Devo porem dizer-te que me sinto, esta noite, inclinado a pensamentos mais elevados e disposto a ouvir da tua bocca algumas palavras de sabedoria.

Ora pois, se soubesses d'alguma historia que pudesse fortificar-me no conhecimento dos bons preceitos e fazer com que o meu espirito tirasse proveito da experiencia dos homens sabios e prudentes, creio bem que me não interessaria menos: pelo contrario. Poderás em seguida, caso a minha paciencia

---

1) No intuito de variar um pouco a collaboração d'este numero-duplo da *Ave-Azul*, trasladamos da *L'Humanité Nouvelle* (n.º de outubro) esta historia das *Mil e uma noites*, vertidas para francez por J. C. Mardrus, certos de que nisso daremos muito prazer aos nossos leitores e sobretudo ás nossas leitoras.

não esteja cansada de escutar-te, Scezerarda, falar-me então lá d'essas aventuras de Abu-Nowas...»

A estas palavras do rei Schahriar, apressou-se Scezerarda a responder:

«Justamente, oh rei venturoso, todo o dia d'hoje andei eu a pensar na historia d'uma adolescente admiravel de belleza e de sabedoria: chamava-se ella *Sympathia*: e aqui estou eu prompta a contar-te o que sei da sua vida e dos seus maravilhosos conhecimentos!»

E o rei Schahriar exclamou: «Por Allah! conta-me lá sem mais delongas isso de que me estás fallando! Nada me dá tanto gosto ouvir como as palavras de sã douctrina proferidas por lindas moças. E muito desejo eu que a historia promettida de todo me satisfaça e me dê, afóra o proveito, um exemplo da instrucção que deve possuir toda a verdadeira mussulmana!»

Vae então, Scezerarda pensou um momento e, tendo erguido um dedo, falou assim:

Conta-se—Allah porém, é quem de tudo está mais bem informado—que havia em Bagdad um commerciante muito rico que fazia immenso negocio. Não lhe faltavam honras, considerações, prerogativas e privilegios de toda a ordem; mas feliz é que elle não era, porque Allah não estendia sobre elle a sua benção até lhe conceder um filho, mesmo que fosse do sexo feminino. Assim fôra envelhecendo tristemente, vendo de dia para dia tornarem-se-lhe os ossos transparentes e acurvar-se-lhe o dorso sem que d'uma das suas numerosas esposas pudesse obter resultado que o consolasse. Ora um dia que destribuira muitissimas esmolas e visitara os santões e jejuara e orara com todo o fervor, foi-se elle deitar com a mais nova das suas esposas e, d'essa vez, por graça do Altissimo, pôl-a gravida em coisa d'um segundo.

Aos nove mezes, dia por dia, teve a esposa do commerciante o seu feliz successo, dando á luz um menino tão lindo, tão lindo, que era mesmo como um pedaço de lua.

Tambem o commerciante, na sua gratidão para com o se-

nhor de todos os dons, não se esqueceu de cumprir as promessas que fizera e durante sete dias inteirinhos os pobres, as viuvas e os orphãos tiveram uma fartura d'esmolas que não lhes conto nada; ao depois, na manhã do setimo dia, pensou em dar um nome ao filho e vae d'ahi chamou-o Abul-Assam.

Andou o menino dos braços das gordas amas para os braços das bellas escravas, sempre tractado como uma coisa preciosa pelas mulheres e pelos creados, até que chegou á edade de aprender. Confiaram-no então aos mestres de mais saber, que lhe ensinaram a lêr as palavras sublimes do Korão e lhe ensinaram mais a bella arte de escrever e a poesia e o calculo e muito principalmente a arte de espetar com uma seta no alvo. Assim é que a sua instrucção excedeu, de vasta, a da sua geração e a do seu seculo, e ainda isso não é tudo!

Realmente, juntava aos seus diversos conhecimentos um encanto magico e era uma perfeição de lindo. Ora senão vejam em que termos os poetas do seu tempo lhe descreveram as graças juvenis, a frescura das faces, as rosas dos labios e o buço nascente que lh'os ia tornando ainda mais lindos:

«Não vês no canteiro das suas faces aquelles botões de ro-
«sa que mal vão a desabrochar, agora que a primavera anda
«já pelos rosaes?

«Não te dá pasmo ver ainda a rosa a florir e já, ao
«canto escuro dos labios, o buço a apontar lhe como as vio-
«letas sob a folhagem?

O jovem Abul-Assam foi portanto a alegria de seu pae e a delicia de seus olhos por tanto tempo quanto de antemão lhe fixara o destino. Quando porém o velho sentiu que se lhe approximava a derradeira hora, chamou seu filho, fêl-o sentar entre as suas mãos, um dia dentre os dias, e disse-lhe assim:

«Filho meu, eis ahi está chegado o meu fim e só me resta
«dispôr-me a comparecer deante do soberano Senhor. Deixo-
«te grandes bens, muitas riquezas e propriedades, povoações
«inteiras e bellas terras e bellos pomares, quanto a ti te bas-
«ta e não só a ti, mas a ti e aos filhos dos teus filhos. O que

«só te recommendo é que saibas gosal-o com moderação, dan-«do graças ao Retribuidor e vivendo no respeito que lhe é «devido!

E em seguida o velho commerciante morreu da doença que Allah lhe dera e Abul-Assam ficou profundamente amargurado e mal terminaram os funeraes vestiu-se de lucto e fechou-se com a sua dor.

Breve porem os seus companheiros lá foram conseguindo distrail-o e arrancal-o ás suas maguas e tanto fizeram que o forçaram a entrar no *hammam* para espairecer e a mudar em seguida de vestuario, e para de todo o consolarem disseram-lhe:

«Olha bem que aquelle que a si proprio se reproduz em filhos como tu não morre! Espalha pois essa tristeza e tracta de aproveitar a mocidade e a fortuna!»

Effectivamente Abul-Assam foi-se esquecendo pouco a pouco dos conselhos que seu pae lhe dera e pouco a pouco acabou por se persuadir de que a felicidade e a fortuna não tinham fim. D'ahi em deante não cessou de satisfazer caprichos, pagando os prazeres por todo o preço, frequentando cantoras e instrumentistas, comendo todos os dias uma porção enorme de frangos, que era o manjar de que mais gostava; divertindo-se a deslacrar os velhos frascos de licores capitosos e a ouvir o tinido das taças que batiam umas nas ontras, estragando o que poude estragar, gastando o que poude gastar e dando cabo do que poude dar cabo; até que um dia... até que um dia, quando accordou, foi a apalpar-se e não achou finalmente nada debaixo das mãos senão o seu rico corpinho. E de quanto seu defuncto pae lhe deixara, em questão de servos e de mulheres, uma só escrava lhe ficou dentre as suas numerosas escravas.

Mas ainda nisto é primeiro que tudo para admirar a continuidade feliz da sorte que justamente determinou que fosse a maravilha em pessoa de quantas escravas ha nos paizes do Oriente e do Occidente a que ficasse na casa, doravante sem

esplendor, do prodigo Abul-Assam, filho do defuncto commerciante.

Chamava se ella Sympathia e em verdade nenhum nome jamais se harmonisara melhor com as qualidades de quem o usava. A escrava Sympathia era uma adolescente aprumada como a lettra Aleph, d'estatura bem proporcionada, e tão franzina e delicada que bem podia ella desafiar o sol a que lhe alongasse a sombra pelo chão; eram maravilhosas a bel leza e frescura do seu rosto; todas as suas feições traziam claramente estampado o signal da benção e do bom agouro; a sua bocca parecia sellada com o proprio sello de Salomão, como para guardar preciosamente o thesouro de perolas que encerrava; eram seus dentes uns collares duplos e eguaes; era um encanto o espaço entre as duas granadas do seu seio, e a covinha do seu umbigo tinha largura bastante para conter uma onça do mais fragante balsamo. Salientes e redondas, as ancas mais lhe realçavam a rara elegancia do busto, e a extremidade do seu dorso, proeminente, deixava nas almofadas uma grande cova que bem mostrava quanto ella valia pelo muito que ella pesava. D'ella finalmente é que se fallava no canto do poeta:

«Ella é solar, é lunar, é vegetal, assim como a haste da «rozeira; tão longe ella está das cores da tristeza, como o sol, «como a lua e como a haste da rozeira.

«Quando apparece, a sua presença alvoroça profunda-«mente os corações e ficam, quando se afasta, num profundo «abatimento os corações.

Está o ceu no seu rosto; estendem se sob a sua tunica os «relvedos do Eden, por onde corre o manancial da vida e sob «o seu manto brilha a lua.

«Todas as côres se combinam no seu corpo encantador: o «carmim das rosas, a deslumbrante alvura da prata, a negrura «da amora madura e a côr do sandalo. E tão grande é a sua «belleza que até contra o desejo a defende.

«Bemdito seja Aquelle que sobre ella fez estendal da belle-«za e feliz do amante que pode saborear a delicia das suas palavras!

Tal era a escrava Sympathia, unico thesoiro de que era ainda possuidor o prodigo do Abul-Assam.

—Neste ponto da sua historia deu conta Scezerarda de que vinha despontando a manhã e calou-se discretamente.

Mas quando chegou

A noite 272

Reatou assim:

... Tal era a escrava Sympathia, unico thesouro de que era ainda possuidor o prodigo do Abul-Assam.

Ora, ao constatar como irremediavelmente perdido todo o seu patrimonio, Abul-Assam deixou se cahir num estado tal de desolação que lhe tirava completamente o somno e o appetite; e assim se conservou tres dias e tres noites sem comer nem beber nem dormir, a ponto que a escrava Sympathia julgou vel-o morrer e resolveu salval-o custasse o que custasse.

Vestiu as suas roupas mais vistosas, enfeitou se com as joias e adornos que lhe restavam e assim se foi apresentar ao seu senhor, tendo nos labios um sorriso de bom agoiro ao dizer lhe: «Allah vae por minha intervenção pôr termo ás tuas angustias: para o que bastará que me leves á presença do Emir dos Crentes, nosso Senhor, Arum-al-Raskid, o quinto dos descendentes de Abbas, e lhe peças por mim, como preço de venda, dez mil dinares. Caso elle julgue excessivo este preço, dize-lhe: «O' Emir dos Crentes, esta moça vale muito mais ainda, como bem poderás avaliar se quizeres experimental a. Então obterá ella maior realce aos teus olhos e verás que não tem nem egual nem emula e que é realmente digna de servir o Kalifa nosso Senhor!» Em seguida recommendou-lhe, com muita insistencia neste ponto, que por coisa nenhuma cahisse em baixar-lhe o preço.

Abul-Assam, que até aquella hora por falta de reparo se não dera ao incommodo de apreciar as qualidades e prendas da sua bella escrava, não estava agora em estado de por si proprio avaliar os merecimentos que nella podiam concorrer.

Achou só que a ideia não era má de todo e bem poderia

surtir algum exito: Ergueu-se pois logo e levando atraz de si Sympathia, condusiu-a á presença do Kalifa e repetiu-lhe as palavras que ella lhe recommendara que dissesse.

Voltou-se então para ella o Kalifa e preguntou-lhe: «Como te chamas tu?» Ao que ella respondeu: «Chamo-me Sympathia.» Vae elle então e diz-lhe: «Oh Sympathia, se tiveste quem te instruisse, poder-me-ás expôr agora aqui os titulos dos diversos ramos do saber a que tens consagrado as tuas attenções?» Respondeu-lhe ella: «Oh meu Senhor, eu cá estudei a syntaxe, a poesia, o direito civil e o direito canonico, a musica, a astronomia, a geometria, a arithmetica, a jurisprudencia no que toca á successão, e a arte de decifrar os hieroglyphos e de ler as antigas inscripções. Sei de cór o livro sublime e posso lel-o de sete modos differentes; sei com toda a exactidão o numero dos seus versiculos, das suas divisões, das suas diversas partes e suas combinações e sei quantas linhas tem, quantas palavras, quantas lettras, quantas consoantes e quantas vogaes: sei ao certo quaes os capitulos que foram inspirados e escriptos em Meca e quaes em Medina: conheço as leis e os dogmas, sei distinguil-os das tradições e differençar os seus graus d'authenticidade: entendo tambem um pouco de logica, de architectura e de philosophia, assim como de eloquencia, de boa linguagem, de rhetorica e de regras dos versos que eu sei combinar e cadenciar sem que me escape a minima habilidade na sua construcção: sei fazel-os simples e corredios como sei fazel-os tambem complicados e enredados para gosto só dos delicados: e se nelles metto ás vezes um pouco de obscuridade é para melhor prender a attenção e encantar o espirito que lhes chegue a desfiar o trama subtil e fragil; finalmente, aprendi muitas coisas e de quanto apprendi tudo me ficou.

Sei mais ainda cantar na perfeição e dansar como um passaro: toco alaude e flauta; dou-me menos mal com os instrumentos de corda e tudo isto em mais de cincoenta tons differentes. Assim é que, quando canto e danso, damnam-se os que me vêem e me ouvem; se, vestida e perfumada, dou dois

passos em cadencia, mato; se menéio as ancas, prostro; se pisco os olhos, varo; se agito os braceletes, cégo; se me chego, dou vida; morte, se me arredo. Versada em todas as artes, estendi nesse sentido o meu saber até limites taes que só poderiam chegar a distinguir-lhe o horisonte os pouquissimos que no estudo da sabedoria tivessem consumido a sua larga existencia!»

Quando o Kalifa Arum-Al-Raschid acabou de ouvir estas palavras, ficou surpreso e encantado por se lhe depararem juntas tanta eloquencia e tanta formosura, tanto saber e tanta mocidade naquella que em sua presença se conservava d'olhos baixos respeitosamente. Voltou-se pois, para Abul-Assam e disse-lhe: «Quero dar immediatamente ordens para que venham aqui todos os mestres da sciencia, afim de experimentar a tua escrava e avaliar assim por um exame publico e decisivo se ella é na verdade tão instruida quanto é bella: no caso d'ella sahir victoriosa da prova, não só te darei os dez mil dinares, mas ainda te acumularei de honras por me teres feito conhecer tal maravilha. Do contrario, nada feito: continuará sendo propriedade tua.»

E sem mais delongas mandou chamar em seguida o maior sabio d'aquelle tempo, Ibrahin-hen-Saiar, que profundara todos os conhecimentos humanos, e egualmente todos os poetas, grammaticos, leitores do Al-Korão, medicos, astronomos, philosophos, jurisconsultos e doutores de Theologia. E todos, já se deixa ver, trataram de se dirigir sem demora a palacio e se reuniram na salla de recepção sem saberem para que é que os convocavam.

Quando o Kalifa lh'o permittiu, sentaram-se todos em roda sobre os tapetes, e no meio, num assento d'oiro onde o Kalifa a mandara collocar, lá estava a adolescente Sympathia, o rosto coberto d'um véo ligeiro; e os seus olhos fulguravam e os seus dentes sorriam com o tal sorriso muito seu, á socapa.

Neste ponto da sua historia deu conta Scezerarda de que vinha despontando a manhã e calou-se discretamente.

Mas quando chegou

A noite 274

Continuou

...sorriam com o tal sorriso muito seu, á sucapa.

Quando naquella assembleia se estabeleceu silencio tão completo que se teria podido ouvir o som d'uma agulha atirada ao chão, Sympathia fez a todos um salám cheio de graça e de dignidade e num tom de voz realmente exquisito disse para o Kalifa:

«O' Emir dos Crentes, ordena! eis-me aqui prompta a «responder a todas as perguntas que quizerem fazer-me os «doutos e veneraveis sabios, leitores do Al-Korão, jurisconsultos, medicos, architectos, astronomos, geometras, grammaticos, philosophos e poetas!

Então o Kalifa Arum-al-Raschid, assentado no seu throno, voltou-se para todos elles e assim lhes disse: «Mandei-vos aqui reunir para examinardes os conhecimentos d'esta adolescente quanto a variedade e profundeza e nada poupardes para bem pôrdes em relevo simultaneamente a vossa erudição e o seu saber!» E todos os sabios á uma inclinando-se até ao chão e levando as mãos aos olhos e á testa: «Ouvidos e obediencia a Allah e a ti, oh Emir dos Crentes!»

A estas palavras a adolescente Sympathia ficou por uns momentos de cabeça baixa a reflectir, depois ergueu a fronte e disse: «O' vós todos, mestres meus, qual de vós primeiramente é que é o mais versado no Al-Korão e nas tradições do Propheta (a paz e a oração sejam com elle)?»

«Eu sou!» diz-lhe de lá então um dos doutores que se erguera indigitado por todos os mais.

«Pois interroga-me a teu gosto nessa materia!»

E o sabio leitor do Al-Korão perguntou: «Moça, visto teres estudado a fundo o Livro Sancto d'Allah, deves conhecer o numero de capitulos, de palavras e de lettras que contém e os preceitos da nossa fé! Dize-me então, para começar, quem é o teu Senhor, quem é o teu Propheta, quem é o teu Iman,

qual a tua orientação, qual a tua regra de vida, qual o teu guia nos caminhos e quaes são os teus irmãos?»

Responde ella: «O meu Senhor é Allah; o meu Propheta é Mahomé (a oração e a paz sejam com elle); o Al-Korão é a minha lei e assim elle é tambem o meu Iman; a Kaaba, a casa d'Allah, edificada por Abrahão em Méca, é a minha orientação; o exemplo do nosso Santo Propheta é a minha regra de vida; a *Sunna*, repositorio das tradições, é o meu guia nos caminhos; e meus irmãos, são-no todos os crentes!»

Retorquiu-lhe o sabio, já quando o Kalifa começava de se maravilhar pela claresa e precisão de taes respostas na bocca d'uma rapariga assim gentil: «Dize-me como é que sabes que ha um Deus?»

Respondeu ella: «Pela razão.»

«E o que é a razão?» perguntou elle.

«A rasão, disse-lhe ella, é um duplo dom: innato e adquirido. Innata é a rasão que Allah collocou no coração d'aquelles dos seus servos que elle se dignou escolher, afim de os fazer caminhar pelo caminho da verdade. A adquirida, essa é a que, no homem bem dotado, é fructo da educação e d'um labôr assiduo!»

«Muito bem! atalhou elle: mas onde é que é a séde da rasão?»

Respondeu-lhe ella «No nosso coração. E de lá é que as suas inspirações se erguem para o nosso cerebro onde esta belecem domicilio.»

Disse-lhe elle: «Exacto! Mas poderás tu dizer-me como é que aprendeste a conhecer o Propheta (a oração e a paz sejam com elle)?»

Respondeu-lhe ella: «Pela leitura do Livro d'Allah, pelas sentenças nelle encerradas, pelas provas e pelos testemunhos d'essa missão divina.»

Disse-lhe elle: Bem dicto! Mas poderás tu dizer-me quaes os deveres indispensaveis da nossa religião?»

Responde-lhe ella: «São cinco os deveres indispensaveis da nossa religião!—A profissão de fé: *só Allah é que é Deus*

e Mahomé é o enviado de Allah: — a oração; — a esmola; — o jejum do mez de Ramadan; — e a peregrinação a Méca, quando a possamos fazer.»

Perguntou-lhe elle: «E quaes são os actos pios mais meritorios?»

Respondeu-lhe ella: «São ao todo seis: a oração; a esmola; o jejum; a peregrinação; a lucta contra os maus instinctos e as coisas illicitas, e finalmente a guerra sancta!»

—«Que belleza de resposta! disse-lhe elle: mas com que fito afinal de contas é que fazes tu a oração?»

—«Simplesmente, replicou ella, para offerecer ao Senhor a homenagem da minha adoração, celebrar os seus louvores e erguer o meu espirito para as regiões serenas.»

—«Oh Allah! exclamou elle: que excellente resposta! Mas não presuppõe a oração preparativos indispensaveis?»

Respondeu-lhe ella: «A' certa que sim! Devemos purificar o corpo todo com as abluções rituaes, vestir fatos que não tenham o minimo signal d'immundicie, escolher um logar appropriado e limpo para ahi nos conservarmos, garantir bem a parte do corpo que vae do ventre aos joelhos, ter intenções puras e voltar a cara para a Kaaba, na direcção de Méca, a cidade sancta!»

—Que valor tem a oração?

—E' o sustentaculo da fé cuja é base.

—Quaes os fructos da oração? que utilidade tem?

—A oração, para ser verdadeiramente bella, não deve ter utilidade terrena: ella é pura e simplesmente o laço espiritual entre a creatura e o seu Senhor. Pode produsir fructos immateriaes e tanto mais bellos quanto mais o fôrem: esclarece o coração, illumina o rosto, apraz ao todo Misericordioso, suscita o furor do Maligno, attrahe a misericordia, afasta os maleficios, livra do mal, preserva contra as embuscadas dos inimigos, fortalece o espirito que desmaia e approxima o escravo do seu senhor!

—Qual é a chave da oração? e a chave d'essa chave qual é?

—A chave da oração é a ablução, e a chave da oração é

a formula inicial: *Em nome de Allah clementissimo e todo misericordioso!*

—Que prescripções devemos nós seguir na ablução?

—Conforme o rito orthodoxo do iman El-Schafry-ben-Idris, ha seis prescripções que são: a intenção bem assente de nos purificarmos só com a mira em sermos agradaveis ao Creador; a ablução primeiro do rosto; a ablução das mãos até ao cotovèllo; o friccionamento d'uma parte da cabeça; a ablução dos pés, comprehendendo os calcanhares até aos artelhos; e uma determinada ordem no cumprimento d'este diversos actos. Ora essa ordem suppõe a observancia de doze condições imprescindiveis, convem saber:

Primeiramente pronunciar a formula inicial: *Em nome de Allah!;* lavar as palmas das mãos antes de as metter na bacia; enxaguar a bocca; lavar as ventas tomando agua na cavidade das mãos e sorvendo-a; esfregar a cabeça toda e as orelhas por fóra e por dentro com agua limpa; pentear a barba com os dedos; dobrar os dedos e os artelhos até darem um estalo; pôr o pé direito adeante do pé esquerdo; repetir tres vezes cada ablução; dizer depois de cada ablução o acto de fé, e finalmente, apenas terminadas estas abluções, recitar ainda esta jaculatoria: «Oh meu Deus! Conta-me no numero dos arrependidos, dos servos puros e fieis! Louvado seja o meu Deus! Confesso que não ha outro Deus senão Tu! Tu é que és o meu refugio: de Ti é que, cheio de arrependimento, imploro o perdão das minhas culpas! Amen!»

Foi esta com effeito a formula que o Propheta (a oração e a paz sejam com elle!) nos recommendou que recitassemos, quando disse: «A quem a bem disser abrirei eu de par em par as portas do Eden; e elle poderá entrar pela porta que mais lhe agradar!»

—Disse então o sabio: «Em boa verdade que nada ha que acrescentar á tua resposta! Mas dize-me agora: que fazem os anjos e os demonios ao pé de quem está procedendo ás suas abluções?

Respondeu-lhe Sympathia: «Quando um homem se está

preparando para fazer as suas abluções veem os anjos pôr-se á sua direita e os diabos á sua esquerda; mas, ainda elle bem não pronunciou a formula inicial: *Em nome de Allah*! logo os diabos deitam a fugir e os anjos se approximam d'elle desdobrando-lhe sobre a cabeça um pavilhão de luz, de forma quadrada, cujas quatro pontas elles seguram; e cantam os louvores d'Allah e imploram o perdão dos peccados d'esse homem. Mas, se por accaso se esquece de invocar o nome de Allah ou cessa de o pronunciar, voltam os diabos..

Neste ponto da sua historia deu conta Scezerarda de que vinha despontando a manhã e calou-se discretamente.

Mas quando chegou

A noite 275

Continuou:

«... Voltam os diabos em bando e fazem todos os possiveis por lhe lançar a turvação na alma e lhe suggerir duvidas e lhe esfriar o espirito e o fervôr.

«E' tambem obrigatorio, para o homem que faz as suas abluções, deitar agua por todo o corpo, esfregar bem todos os membros e só lavar os pés em ultimo logar.»

—Bem respondido: disse-lhe o sabio. Mas poderás agora tu dizer-me quaes as praxes que devemos seguir na ablução chamada *tayamum*?

—A ablução chamada *tayamum*, respondeu-lhe ella, é a purificação com areia e pó. Faz-se esta ablução nos sete casos que vou dizer, estabelecidos pelos usos conformes á pratica do propheta: e faz-se segundo as quatro indicações previstas pelo ensinamento directo do Livro.

Ora os sete casos que permittem esta ablução, são: a falta d'agua; o medo de acabar com a provisão d'agua; a precisão d'essa agua para beber; o risco de perder uma parte d'ella ao transportal-a; as doenças a que faz mal o uso da agua; as fracturas que demandam repouso para se consolidarem; as feridas em que não devemos tocar.

Quanto ás quatro condições necessarias para bem se exe-

cutar esta ablução com areia e pó, são: primeiro que tudo, estar de boa fé; tomar em seguida nas mãos areia em pó e fazer que se e rega a cara com elle; depois fazer tambem que se esfregam os braços até ao cotovêllo; e por fim limpar as mãos.

Duas praticas egualmente se recommendam como conformes á Sunna: começar a ablução pela formula invocatoria: «*Em nome d'Allah!*» e fazer primeiro a ablução de todo o lado direito do corpo e só depois a do lado esquerdo.»

Disse-lhe o sabio: «Muito bem! Mas, voltando á oração: poder-me-ás tu dizer como é que a devemos fazer e que actos comporta?»

Respondeu-lhe ella logo: «Os actos que se requerem para fazer oração constituem outras tantas columnas a sustental-a. Ora essas columnas da oração veem a ser: 1.º a boa intenção; 2.º a formula do *Takbir* que consiste em pronunciar estas palavras: *Allah é o altissimo!* 3.º recitar a *Fatiha*, que é o capitulo com que abre o Korão; 4.º prostrar-se com o rosto no chão; 5.º erguer-se; 6.º fazer a profissão de fé; 7.º assentar-se sobre os calcanhares; 8.º fazer votos pelo Propheta dizendo: «A oração e a paz de Allah sejam com elle!» 9.º estar sempre na mesma pura intenção.

Outras condições ha d'uma boa oração, tiradas só da Sunna e veem a ser: erguer os dois braços, com as palmas das mãos voltadas para o ar na direcção de Méca; recitar mais uma vez a *Fatiha;* recitar qualquer outro capitulo do Korão, por exemplo o *surate da Vaca;* pronunciar outras formulas piedosas e rematar com votos pelo nosso Propheta Mahomé (a oração e a paz sejam com elle)!»

Disse-lhe o sabio: «Em verdade que respondeste perfeitamente. Dize me agora, se sabes: como é que devemos desobrigar-nos do dizimo e da esmola?

Respondeu lhe ella: «Podemos desobrigar nos do dizimo e da esmola de quatorze modos: em ouro; em prata; em camellos; em vaccas; em carneiros; em trigo; em cevada; em milho miudo; em favas; em chicharos; em arroz; em uvas passas, e em tamaras.

Quanto a ouro, se só tivermos quantia abaixo de vinte drachmas d'ouro de Méca, não ha dizima a pagar. P'ra cima d'essa quantia, temos que dar 3 o|o. O mesmo quanto a prata, guardadas as devidas proporções.

Quanto a gado, quem possuir cinco camellos paga um carneiro; quem passuir vinte e cinco dá um de dizimo, e assim por deante, guardadas, já se vê, as devidas proporções.

Quanto a carneiros e anhos, dá-se, de quarenta, um. E assim em tudo mais.

Disse-lhe o sabio: «Perfeitamente. Agora diz-me alguma coisa ácerca do jejum!»

Respondeu-lhe Sympathia: «O jejum é a abstinencia de comida, bebida e relações com pessoas d'outro sexo, todo o dia até sol posto, durante o mez de Ramadan, mal que se vê a lua nova. Não é preceito mas é conselho abstermo'-nos tambem, durante o jejum, de palestras inuteis e de qualquer outra leitura que não seja a do Korão.»

Argumentou-lhe o sabio: «Mas coisas ha que á primeira vista parecem tirar ao jejum toda a sua efficacia e que todavia, segundo a lição do Livro, nada tiram afinal ao seu valor: que dizes?

—«Coisas ha realmente com que não deixa o jejum de ser efficaz; taes são: os passeios, os banhos e os oleos; o kohl para os olhos e os collyrios; o pó do caminho; a acção d'engulir a saliva; as ejaculações involuntarias; os olhares lançados sobre uma mulher que não seja mussulmana; a sangria e as ventosas simples ou sarjadas. Estas são as coisas com que não deixa o jejum de ser efficaz.»

Disse-lhe o sabio: Està muito bem. E do retiro espiritual que me dizes?»

—«Quanto ao retiro espiritual, é o enclausuramento prolongado numa mesquita, sem se sahir d'ella nunca a não ser por motivo de força maior, acompanhado da renuncia ás relações com mulheres e ao uso da palavra. E' pura e simplesmente aconselhado pela Sunna; não é uma obrigação dogmatica.»

Disse-lhe o sabio: «Muitissimo bem. Agora queria eu ouvir-te discorrer a respeito da peregrinação.»

—«A peregrinação a Méca ou *hadj* é um dever que todo o bom mulsumano tem de cumprir pelo menos uma vez na vida, desde que tenha chegado á edade da razão. Para bem o cumprir diversas condições ha que observar. Deve-se a gente cobrir com o manto de peregrino ou *ihram,* livrar-se de relações com mulheres, cortar os cabellos, aparar as unhas e cobrir a cabeça e a cara. Mais praticas ha aconselhadas tambem pela Sunna.»

Disse-lhe o sabio: «Perfeitamente. Passemos agora á guerra sancta.»

—«A guerra sancta é a que se faz contra os infieis, quando corre perigo o Islam. Só devemos fazel-a em legitima defeza e nunca devemos tomar a offensiva. Logo que o crente pegou em armas, deve marchar contra o infiel sem jamais recuar.»

Perguntou-lhe o sabio: «E ácerca de compra e venda, podre-me-ás tu dar alguns esclarecimentos?»

Respondeu-lhe Sympathia: «Na compra e venda deve de haver liberdade d'ambas as partes e lavrar-se, nos casos de maior monta, um auto de consentimento e de acceitação. Certas coisas ha porem, cuja compra e venda a Sunna prohibe. Assim, por exemplo...»

Neste ponto da sua historia deu conta Scezerarda de que vinha despontando a manhã e calou-se discretamente.

Mas quando chegou

A noite 277

Continuou:

«... Assim, por exemplo, é expressamente prohibido trocar tamaras e figos seccos por tamaras e figos que tal não sejam; e o mesmo se diz da carne e da manteiga e, em geral, de todas as provisões recentes e frescas por outras já de tempo e seccas, quando forem da mesma especie.»

Ao ouvir estas respostas assim categoricas, não poude o sa-

bio commentador do Livro deixar de dizer lá de si para comsigo que tanto sabia ella como elle; mas como não quizesse dar-se já por vencido assim sem mais aquella, tractou mas foi de propôr-lhe uns ploblemas mais intrincados. E foi então preguntar-lhe:

—Olha lá: o que significa linguisticamente a palavra ablução?

—Livrar-se pela lavagem de todas as impuresas tanto externas como internas.

—E a palavra jejuar que quer dizer?

—Abster-se.

—E dar?

—Enriquecer-se.

—E ir de peregrino?

—Attingir o alvo.

—E fazer guerra?

—Defender-se.

Não quiz ouvir mais o sabio: pôz-se de pé e exclamou: «Forçoso me é confessal-o: já não sei que mais lhe hei-de preguntar nem que mais lhe hei-de argumentar! Esta escrava é um pasmo de sciencia e de claresa, O' Emir dos Crentes!»

Vae então Sympathia teve um ligeiro sorriso e atalhou: «Agora quizera eu fazer-te tambem uma pregunta: poder-me-ás dizer, ó sabio leitor, quaes são as bases do *Islam?*»

Depois de reflectir um momento, respondeu-lhe elle: «São quatro: a fé esclarecida pela sã razão; a equidade; o conhecimento dos seus deveres e dos seus direitos estrictos e a discrição; e a satisfação dos compromissos tomados.»

—Permitte-me ainda mais uma pregunta: caso lhe não aches resposta, ficar-me-á o direito de te tirar o manto que usas como sabio leitor que és do Livro.

—D'accordo. Faze então lá a pregunta, ó escrava!

—Quaes são então as partes do *Islam?*

Quedou-se o sabio a reflectir por largo tempo e afinal não lhe achou resposta a dar.

—Responde lá tu á pregunta e será teu o manto d'este sa-

bio. Disse p'rá Sympathia o proprio Kalifa que estivera até ahi calado a ouvil-os.

Sympathia fez a sua venia e respondeu assim:

—«As partes do Islam são nada menos que vinte: a rigorosa observancia do ensinamento do Livro; conformarmo-nos com as tradições e o ensino oral do nosso Sancto Propheta; não praticar nunca uma injustiça; comer os alimentos licitos; não comer nunca os alimentos prohibidos; punir os malfeitores para se não ver a malicia dos maus em consequencia da indulgencia dos bons; arrependermo-nos dos nossos peccados; profundar o estudo da religião; fazermos bem aos nossos inimigos; sermos modestos na nossa vida; soccorrer os servos de Allah: fugir de qualquer innovação ou mudança; mostrar coragem na adversidade e força nas provações; perdoar, quando está do nosso lado a força e a auctoridade; ter paciencia na desgraça; conhecer Allah o Altissimo; conhecer o Propheta (a oração e a paz sejam com elle); resistir ás tentações do maligno; resistir ás paixões e maus instinctos da nossa alma; consagrarmo-nos de todo ao serviço de Allah com toda a confiança e com toda a submissão.»

Mal acabou d'ouvir esta resposta, mandou o Kalifa Arum-al-Raschid que tirassem immediatamente o manto ao sabio e o dessem a Sympathia: e logo assim se fez com grande confusão do sabio que sahiu da salla de cabeça baixa.

Então se ergueu um segundo sabio muito considerado pela sua subtilesa nos conhecimentos theologicos e por tal designado como a quem de direito cabia a honra de interrogar a adolescente. Volta-se elle para Sympathia e diz-lhe assim:

—«Serão breves e poucas as preguntas que vou fazer-te, escrava. Antes de mais, podes-me dizer quaes os deveres que temos d'observar durante as refeições?»

Responde-lhe ella: «Primeiro que tudo, lavar as mãos, invocar o nome de Allah e dar-lhe graças. Assentarmo-nos em seguida sobre o lado esquerdo, servirmo-nos para comer só do pollegar e dos dois primeiros dedos, mettermos pouco de cada vez na bocca, mastigarmos bem a comida, e não olhar-

mos para o visinho, não vá a gente incommodal-o ou tirar-lhe o appetite.»

—E poder-me-ás dizer, escrava, o que é que vem a ser alguma coisa, metade de alguma coisa e menos que alguma coisa ?

—Vae ella e diz-lhe logo sem hesitar nem um segundo : «O crente é alguma coisa; metade de alguma coisa o hipocrita; e o infiel menos que alguma coisa.»

—E' exacto. E dize-me lá : onde se acha a fé ?

—A fé habita em quatro pontos : no coração, na cabeça, na lingua e nos membros. Assim é que a força do coração consiste na alegria, a força da cabeça no conhecimento da verdade, a força da lingua na sinceridade e a força dos outros membros na submissão.

—E quantos corações ha ?

—Varios : o coração do crente que é um coração puro e são ; o coração do infiel, que é examente o contrario...

Neste ponto da sua historia deu conta Scezerarda de que vinha despontando a manhã e calou-se discretamente.

Mas quando chegou

A noite 278

Proseguiu :

... O coração do infiel que é exactamente o contrario do primeiro ; o coração agarrado ás coisas terrenas e o coração affeiçoado ás alegrias espirituaes ; ha mais o coração dominado pelas paixões ou pelo odio ou pela avaresa ; e ha o coração fraco ; e ha o coração abrasado d'amor ; e o coração inchado d'orgulho ; e ha ainda o coração esclarecido como o dos companheiros do nosso santo Propheta; e finalmente o coração do nosso sancto Propheta em pessoa que é o coração do Eleito.»

Quando o sabio theologo ouviu esta resposta, exclamou de lá : «Tens a minha approvação, escrava !»

Olhou então a bella Sympathia para o Kalifa e disse-lhe

assim : «O' commendador dos Crentes, deixa-me agora fazer por minha vez uma pregunta só ao meu examinador e ficar-lhe com o manto, caso me não saiba responder !»

E como elle dissesse que sim, virou-se para o sabio e fez-lhe esta pregunta :

—Poder-me-ás dizer, veneravel Xeque, qual é o dever que tem a primazia sobre todos os deveres, posto não seja o mais importante ?

Não atinou o sabio com resposta a dar-lhe: e então a moça passou logo a tirar-lhe o manto, ao mesmo tempo que ia respondendo :

—E' o dever da ablução ; porque está formalmente prescripto que nos devemos purificar antes de dar cumprimento ao menor dos deveres religiosos e antes de qualquer dos actos previstos pelo Livro e pela Sunna !»

Em seguida a isto, voltou-se Sympathia para a assembleia e interrogou-a com um olhar a toda a roda. Respondeu um dos sabios, que era um dos homens mais celebres do seculo e não tinha competidor no conhecimento do Korão. Ergueu-se e disse para Sympathia :

—O' moça cheia de espiritualidade e de perfumes encantadores, já que tão bem conheces o Livro de Allah, poder-nos-ás dar uma amostra de precisão do teu saber nesse campo ?

Respondeu-lhe ella:

«O Korão é composto de cento e quatorze suractas ou capitulos, dos quaes setenta dictados em Meca e quarenta e quatro em Medina.

«Está dividido em seiscentas e vinte e uma divisões chamadas *aschar* e em seis mil dusentos e trinta e seis versiculos.

«Contém setenta e nove mil quatro centas e trinta e nove palavras e tresentas e vinte e tres mil seis centas e setenta lettras a cada uma das quaes andam annexas dez virtudes especiaes.

«Acha-se lá citado o nome de vinte e cinco prophetas, a saber: Adão, Noé, Ibrahim, Ismael, Isac, Jacob, José, El-Yosh, Jonas, Loth, Saleh, Hud, Schoaib, David, Salomão, Zul-

Kefel, Edris, Elias, Yahia, Zacharias, Ayub, Moysés, Arão, Issa (Jesus) e Mahomé, a oração e a paz sejam com todos elles!

«Tambem se lá acha o nome de nove passaros ou animaes alados: o mosquito, a abelha, a mosca, a poupa, o corvo, o gafanhoto, a formiga, o ababilo e o passaro d'Issa (a oração e a paz sejam com elle), que outro não é senão o morcego.

Diz-lhe o Xeque: «E' maravilhosa a precisão com que respondes. Já agora quizera que me dissesses qual o versiculo em que o nosso Santo Propheta julga os infieis!»

Resposta d'ella: «E' o versiculo onde veem estas palavras: Dizem os judeus que os christãos estão em erro e os christãos affirmam que os judeus ignoram a verdade. Pois sabei que d'ambos os lados acertam no que assim affirmam.»

Ouvindo estas palavras, declarou-se o Xeque muito satisfeito, mas quiz assim mesmo fazer-lhe mais umas preguntas. E a primeira foi:

— «Como é que veio o Korão do ceu para a terra? Baixou todo d'uma assentada, copiado, sobre as tabuas que estão guardadas no ceo ou então baixou por varias vezes?

Resposta: «Foi o anjo Gabriel que, por mandado do Senhor do universo, o trouxe ao nosso propheta Mahomé, principe dos enviados de Allah, e isto aos versiculos, conforme as circumstancias, por espaço de vinte annos.»

—«Quaes são os companheiros do Propheta que mais cuidado tiveram em reunir todos os versiculos dispersos do Korão?»

Resposta: São quatro: Abi-ben-Káb, Zeid-ben-Tabet, Abu-Obeida-ben-al-Djerrah e Othman-hen-Affan —Allah os tenha a todos quatro nas suas boas graças!»

—«Quaes são os que transmittiram e ensinaram a verdadeira maneira de ler o Korão?»

Resposta: «São quatro: Abdallá-ben-Massu, Abi-ben-Káb, Moag-ben-Djabal e Salem-ben-Abdallá.»

—«Em que occasião é que desceu do ceo o versiculo seguinte: «O' crentes, não vos priveis dos gosos terrestres em toda a sua plenitude!»?

Resposta ainda: «Foi quando alguns companheiros, querendo levar mais longe do que era justo a espiritualidade, resolveram castrar-se e usar habitos de crina.»...

Neste ponto da sua historia deu conta Scezerarda de que vinha despontando a manhã e calou-se discretamente.

Mas quando chegou

A noite 279

Continuou:

...Resolveram castrar-se e usar habitos de crina.»

Então o sabio, ouvindo estas respostas, não teve mão em si que não dissesse: «Cá por mim asseguro-te, ó Emir dos Crentes, que esta donzella não tem quem a eguale em saber.»

Chegou então a vez á Sympathia de pedir venia para fazer uma pregunta ao Xeque e, apenas obtida, disse-lhe:

«Diz-me agora tu, se sabes, qual o versiculo do Korão que contém vinte e tres vezes a lettra *kaf*, qual o que contem dezesseis vezes a lettra *mim* e qual o que contém cento e quarenta vezes a lettra *aïn?*»

E, como o sabio se ficasse de bocca aberta sem atremar com a menor citação, Sympathia, depois de lhe ter tirado o manto, apressou-se a citar os versiculos pedidos com geral estupefação dos assistentes.

Ergueu-se então do meio da assembleia um medico de grande fama pela extensão dos seus conhecimentos, auctor de varios livros muito apreciados.

Virou-se para Sympathia e disse-lhe:

«Tens discreteado ás mil maravilhas sobre as coisas espirituaes; já é tempo de nos occuparmos do corpo. Explica-nos pois, ó bella escrava, o corpo do homem, sua formação, seus nervos, seus ossos e suas vertebras e porque é que Adão foi chamado Adão!»

Resposta d'ella: «A palavra Adão vem da palavra arabe *Adim* que quer dizer a pelle, a superficie da terra, e foi dado esse nome ao primeiro homem por ter sido creado d'um pou-

co de barro feito com terra de diversas partes do mundo. Effectivamente a cabeça d'Adão foi feita da terr do Oriente, o peito da da Kaaba e os pés da do Occidente. Pa a da um temperamento a Adão reuniu nelle o Creador os uatr elementos, a agua, a terra, o fogo e o ar. Assim é que o temperamento bilioso teve a natureza do fogo que é quente e secco; o nervoso a da terra que é secca; o lymphatico a da agua que é fria e humida; e o sanguineo a do ar que é quente e secco. Acabou depois Allah de formar o corpo humano: poz-lhe trezentos e sessenta canaes e duzentos e quarenta ossos; deu-lhe tres instinctos: o da vida, o da reprodução e o do appettite; dotou-o de cinco sentidos guiados por sete espiritos vitaes; e quanto á ordem dos orgãos, Allah poz-lhe o coração á esquerda no peito, e abaixo d'elle o estomago, os pulmões para servirem de ventarola ao coração e o entrelaçamento dos intestinos e a articulação das costellas. Pelo que respeita á cabeça, é composta de quarenta e oito ossos; assim tambem o peito contém vinte e quatro costellas no homem e vinte e cinco na mulher: esta costella supplementar está situada á direita e serve para encerrar a creança e cingil-a como um resguardo.»

Não poude o sabio medico reprimir a sua surpresa; todavia insistiu: «Poderás agora fallar-nos dos signaes das doenças?»

Ao que ella respondeu: Os signaes das doenças são externos e internos e servem para nos fazer conhecer o genero da doença e o grau da sua gravidade. O homem perito na sua arte sabe effectivamente adivinhar o mal só com tomar o pulso ao doente: d'esta maneira constata logo o grau de seccura, de calor, de tensão, de frio e de humidade; sabe tambem que um homem que tem olhos amarellados, é porque soffre do figado, e um homem que traz o dorso acurvado é porque tem os pulmões muito inflammados. Quanto aos signaes internos que guiam o medico no seu exame são: os vomitos, as dores, as ademias e os dejectos.

Preguntou-lhe então elle: «E quaes são as causas da dôr de cabeça?»

Resposta: «A dôr de cabeça em regra tem a sua origem na alimentação, por se metterem para o estomago novos alimentos antes d'estarem diggeridos os primeiros; e tambem por se comer sem necessidade. Porque a causa de todas as doenças que avassallam a terra é sem duvida nenhuma a gula. Quem quizer ter vida larga, ha-de pois praticar a sobriedade e alem d'isso erguer-se cedo, não se deitar tarde, evitar toda a ordem d'excessos, não abusar da sangria ou das sarjaduras e finalmente ter muita cautella com o ventre: para o que deverá repartil-o em tres partes, uma que encherá de alimento, outra d'agua e a terceira absolutamente de nada, que é para ficar livre para a respiração e para nella se poder alojar a alma. O mesmo pelo que toca ao intestino cuja extensão é de dezoito palmos.

—E quaes são os signaes da ictericia?

—A ictericia tem por caracteristicos a côr amarellada, amargo de bocca, vertigens, acceleração de pulso, vomitos e tedio ás mulheres. O que d'ella soffre está sugeito a graves accidentes, taes como ulceras intestinaes, pleuresia, hydropesia e ademias, e tambem a melancholia aguda que, debilitando o corpo pode provocar o cancro e a lepra.

—Muito bem. Mas como é que se divide a medicina?

—Em duas partes: estudo das doenças e estudo dos remedios.

—Bem vejo que a tua sciencia nada deixa a desejar: mas poder-me-ás dizer qual é a melhor agua?

—E' a agua pura e fresca guardada num vaso poroso friccionado com um bom perfume ou perfumado apenas com os vapores do incenso. Só devemos porém bebel-a muito depois das refeições. Assim evitaremos toda a especie de doenças e poremos em pratica aquelle dicto do Propheta (a oração e a paz sejam com elle) que diz: O estomago é o receptaculo de todas as doenças, a constipação a causa de todas as doenças e a hygiene o principio de todos os remedios.»

—E qual é o melhor manjar?

—O que foi preparado pelas mãos d'uma mulher, não le-

vou muitos preparos e é comido com satisfação. Mas o mais delicioso de todos os manjares é sem duvida o *tharid*, porquanto lá disse o Propheta (a oração e a paz sejam com elle): «O *tharid* é o mais excellente dos manjares, assim como Aïscha é a mais virtuosa das mulheres!»

—E dos fructos que dizes?

—Que são, juntamente com a carne de carneiro, o alimento mais salutar; não devemos porem comel-os fóra da estação.

—Falla-nos agora do vinho...

Neste ponto da sua historia deu conta Scezerarda de que vinha despontando a manhã e calou-se discretamente.

Mas quando chegou

A noite 280

Continuou:

—Sympathia respondeu: «Como é que tu podes interrogar-me acerca do vinho, quando o Livro é sobre essa materia tão explicito? Apesar das suas muitas virtudes, é prohibido porque perturba a rasão e exalta os humores. O vinho e o jogo d'azar são duas coisas que o crente deve evitar sob pena das peores calamidade!»

Disse-lhe então elle: «Assisada é a tua resposta: e agora poder-nos-ás dizer alguma coisa ácerca da sangria?»

—A sangria é necessaria a todas as pessoas que teem sangue demais. Devemos recorrer a ella em jejum, num dia de primavera, sem nuvens nem vento nem chuva. Se esse dia fôr uma terça feira, é quando a sangria produz os seus melhores effeitos, sobretudo se esse dia cahir a dezesete do mez. Realmente nada ha de melhor que a sangria para a cabeça, olhos e purificação do sangue. Mas tambem nada ha de peor que a sangria quando a praticarmos durante as grandes calmas ou os grandes frios e se juntamente comermos coisas salgadas ou acidas e se fôr uma quarta feira ou um sabbado.

—Respondeste com toda a sagacidade. Tenho porem ainda duas preguntas a fazer-te e porei ponto. Qual é o ser vivo que

só preso é que vive e morre mal respira o ar livre? e quaes são os melhores fructos?

—O primeiro é o peixe: os segundos são a cidra e a romã.

Depois de ter ouvido todas estas respostas da bella Sympathia, não poude o medico deixar de se confessar incapaz de a apanhar em falha e quiz voltar a occupar o seu logar. Sympathia porem, fez-lhe um signal oppondo se e disse-lhe: «Toca-me agora a vez de te fazer uma pragunta: dize-me pois, ó sabio, qual é a coisa, qual é ella, que é redonda como a terra e se aloja num olho, que ora se separa d'esse olho ora se mette nelle, que sem orgão masculino copúla e durante a noite se ausenta da sua companheira para durante o dia estar abraçado a ella e que finalmente escolhe em regra domicilio nas extremidades?»

Por mais que o sabio coçou a cabeça, não soube que resposta dar; e Sympathia, depois de lhe ter tirado o manto, respondeu a convite do Kalifa: «E' o botão e a botoeira!»

Em seguida, dentre o veneraveis Xeques ergueu-se um astronomo que era o mais famoso de quantos astronomos tinha o reino: a bella Sympathia olhou para elle com um sorriso, certa desde logo de que elle lhe havia de achar os olhos mais perturbadores do que todas as estrellas d'esses ceos.

Veio o astronomo assentar-se em frente da moça e, depois do preambulo do estylo, preguntou-lhe:»

– «Donde se ergue o sol e para onde vae quando se some?»

Respondeu-lhe ella: «Saberás que o sol se ergue dos mananciaes do Oriente e desapparece nos mananciaes do Occidente. Estes mananciaes são ao todo em numero de cento e oitenta. O sol é o sultão do dia, como a lua é a sultana da noite. Lá disse Allah no Livro: «Eu é que dei ao sol a sua luz e á lua o seu clarão e lhes marquei logares determinados para que vós pudesseis calcular os dias e os annos. Eu é que fixei um limite ao curso dos astros e prohibi á lua que jamais alcançasse o sol e á noite que passasse alem dia. Assim é que o dia e a noite, as trevas e a luz, sem jamais confundirem sua

essencia, continuamente se identificam na natureza!»

—Maravilhosa resposta a tua! exclamou o sabio. Mas, ó bella adolescente, poder-nos-ás fallar dos mais astros e dizer-nos as suas boas e más influencias?

—Se tivesse de fallar de todos os outros astros, respondeu, ser-me-ia preciso consagrar-lhe muito mais que uma sessão. Poucas palavras direi pois a tal respeito. Alem do sol e da lua, ha cinco astros planetas que são *Atared* (Mercurio), *El-Zohrat* (Venus), *El-Merrikh* (Marte), *El Mouschtari* (Jupiter) e *Zôhal* (Saturno). A lua, fria e humida, de boa influencia, tem por séde Cancer, por apogeu o Touro, por inclinação o Scorpião e por perigeu Capricornio. O planeta Saturno, frio e secco, de má influencia, tem por séde Capricornio e Aquario, por apogeu a Libra, por inclinação Aries e por perigeu o Capricornio e o Leão. Jupiter, de boa influencia, é calido e humido, tem por séde o Peixe e o Collar, por apogeu Cancer, por inclinação Capricornio e por perigeu os Gemeos e o Leão. Venus, temperada, de boa influencia, tem por séde Taurus, por apogeu o Peixe, por inclinação a Balança e por perigeu Ariés e o Scorpião. Mercurio, d'influencia ora boa ora má, tem por séde os Gemeos, por apogeu a Virgem, por inclinação o Peixe, por perigeu Taurus. Marte finalmente, calido e humido, de má influencia, tem por séde Aries, por apogeu Capricornio, por inclinação Cancer e por perigeu a Libra.»

Assim respondeu Sympathia; e o astronomo, depois de a ter escutado, muita admiração mostrou pela profundesa dos seus conhecimentos. Quiz entretanto ver se a atrapalhava ainda com uma pregunta mais difficil:

—O' moça, preguntou-lhe então elle, calculas tu que teremos chuva este mez?

A tal pregunta baixou Sympathia a cabeça e poz-se por muito tempo a reflectir: o que fez suppôr ao Kalifa que ella se ia dar por incapaz de lhe responder. Mas para logo ergueu ella a cabeça e disse para o Kalifa: O' Emir dos Crentes, agora não fallarei eu sem previa licença tua especial de dizer todo o meu pensamento.» Surpreso, disse-lhe o Kalifa: «Con-

cedida essa licença!» E então ella disse: «Pois nesse caso, ó Emir dos Crentes, peço-te que me cedas por um instante o teu sabre para eu cortar a cabeça a este astronomo que é pura e simplesmente um espirito forte e um impio!»

A estas palavras não puderam ter-se co'o riso o Kalifa e todos os sabios da assembleia; mas Sympathia proseguiu: «Sim, porque saberás, ó astronomo, que cinco coisas ha que só Allah conhece: a hora da morte, a vinda da chuva, o sexo da creança no ventre da mãe, o que será amanhã e o logar onde cada qual virá a morrer!»

Sorriu o astronomo e disse-lhe assim: «A minha pregunta fil-a eu só para te experimentar. Mas já agora, para não fugirmos do assumpto, poder-nos-ás dizer então a influencia dos astros sobre os dias da semana?»

Resposta d'ella: «O domingo é o dia consagrado ao sol. Quando o anno começa ao domingo, é signal de que os povos terão muito que soffrer por môr da tyrannia e dos vexames dos seus sultões, dos seus reis e dos seus governantes; que haverá grande estiagem, as lentilhas principalmente não vingarão, as uvas não se farão dôces e dar-se-ão terriveis combates entre os reis. Mas—Allah sobretudo!

A segunda feira é o dia consagrado á lua. Quando o anno começa á segunda feira, é bom signal. Haverá muitas chuvas, muitos cereaes e muitas uvas; mas haverá tambem peste e alem d'isso o linho não vingará e o algodão será de má qualidade: e para mais, o gado morrerá atacado de malina. Mas —Allah sobretudo!

A terça-feira, dia consagrado a Marte, pode tambem abrir o anno; em tal caso, os grandes e poderosos serão atacados de morte; os cereaes subirão de preço; haverá poucas chuvas, poucos peixes, o mel não será muito caro, as lentilhas estarão de rastos, o linho estará pela hora da morte e haverá optima colheita de cevada; verter-se-á porém muito sangue e haverá uma doença nos burros, cujo preço subirá muitissimo. Mas — Allah sobretudo!

A quarta-feira é o dia de Mercurio. Quando o anno co-

meça á quarta-feira, é signal de grande mortandade no mar, de muitos dias de tormenta e relampagos, carestia de cereaes, preço puchado nos rabanetes e nas cebollas; não fallando numa epidemia que levará as creancinhas. Mas—Allah sobretudo!

A quinta-feira, dia consagrado a Jupiter, quando abre o anno, é signal de paz e concordia entre os povos, justiça nos governantes e vizires, integridade nos kadis e grandes beneficios para a humanidade, entre outras coisas, abundancia de chuvas, de fructos, de cereaes, de algodão, linho, mel, uvas e peixes. Mas—Allah sobretudo!

A sexta-feira é o dia consagrado a Venus. Quando abre o anno, é signal de que haverá abundancia d'orvalho, a primavera lindissima; nascerão um semnumero de creanças d'ambos os sexos, haverá muitos pepinos, melancias, aboboras, beringelas e tomates. Mas—Allah sobretudo!

Finalmente o dia de sabbado é o dia de Saturno. Mal irá ao anno que começar nesse dia! Mal lhe irá! Ceo e Terra serão uns unhas de fome, depois da guerra virá a fome e depois da fome virão as doenças, e os habitantes do Egypto e da Syria erguerão brados debaixo da oppressão que os ha-de esmagar e da tyrannia dos governantes! Mas—Allah subretudo!

Tendo ouvido esta resposta, exclamou o astronomo: «E' que lhe não falta nem uma palavra em quanto respondeste! E agora poder-me-ás dizer ainda qual o ponto ou aria do ceo onde estão suspensos os sete planetas?»

—Pois não posso?... O planeta Saturno está suspenso exactamente no setimo ceo; Marte no quinto; o Sol no quarto; Venus no terceiro; Mercurio no segundo; e no primeiro a Lua!»

E em seguida acrescentou: «Cabe-me agora a vez de te interrogar!...»

Neste ponto da sua historia deu conta Sympathia de que vinha despontando a manhã e calou-se discretamente.

Mas quando chegou

A noite 284

Reatou:

... Cabe-me agora a vez de te interrogar! Quaes são as tres ordens d'estrellas?»

Debalde o sabio se poz a matutar e a pôr os olhos no tecto: nada lhe veio que o pudesse tirar d'aquella entalação. Sympathia, então, depois de lhe tirar o manto, respondeu assim á pregunta que ella mesma fizera:

«Estão as estrellas repartidas em tres classes, conforme o seu destino: umas estão suspensas na abobada do ceo como archotes, e servem para allumiar a terra; outras estão situadas no ar suspensas por um fio invisivel e servem para allumiar o mar; quanto ás estrellas da terceira cathegoria, essas movem-se á vontade entre os dedos de Allah! São as que a gente vê desfilar durante a noite e servem então para apedrejar e castigar os demonios que buscam infringir as ordens do Altissimo!»

Deu-se o astronomo, depois d'estas palavras, por muito inferior em conhecimentos á bella adolescente e poz-se fóra da salla corrido. Então, á ordem do Kalifa, ergueu-se um philosopho que veio postar-se em frente de Sympathia e logo lhe preguntou:

—«Poder-nos-ás dizer alguma coisa acerca da infidelidade e se acaso nasce com o homem?»

—A tal respeito posso-te eu responder com as proprias palavras do Propheta (a oração e a paz sejam com elle!) que disse: «A infidelidade circula entre os filhos de Adão como nas veias circula o sangue; tanto assim que chegam a blasphemar da terra e dos fructos da terra e das horas da terra. Ora o maior crime em que pode cahir um homem é exactamente o de blasphemar do tempo e do mundo, porque o tempo é o mesmo Deus e o mundo das mãos de Deus sahiu!»

—Sublimes e definitivas, disse o sabio, são essas tuas palavras. Agora diz-me lá quaes são as cinco creaturas de Allah que beberam e comeram, sem que ou d'uma forma ou d'outra nada sahisse do seu corpo?

—São estas: Adão, Simeão, o dromedario de Saleh, o carneiro de Ismael, e o passaro que viu o sancto Abubekr na caverna.

—E' isso. Dize-me ainda quaes são as cinco creaturas do paraiso que nem são homens nem genios nem anjos!

—São estas: o lobo de Jacob, o cão dos sete dormentes, o burrro de El-Azir, o dromedario de Saleh e a mula Daldal do nosso sancto Propheta (a oração e a paz sejam com elle!)

—Podes-me dizer qual é o homem cuja oração se não fazia nem no ceo nem na terra?

—E' Salomão, que orava num tapete suspenso no ar, entre o ceo e a terra!

—Explica-me o seguinte caso: um homem olha de manhã para uma escrava e logo commette um acto illicito; olha para essa mesma escrava ao meio dia e já então o acto que elle pratica é licito; pela tarde olha para ella e novamente o acto se torna illicito; ao pôr do sol já lhe é permittido olhar para ella; de noite, novamente lhe é prohibido; e finalmente pela manhã pode approximar-se d'ella muito bem e com toda a liberdade. Poder-me-ás explicar como é que circumstancias tão differentes se podem succeder assim rapidamente num dia e numa noite?

—Facillimo de explicar! respondeu ella. Um homem deita os seus olhos de manhã para uma escrava que não é sua, o que, em face do Livro, lhe é vedado. Mas ao meio dia compra-a e vae então já elle pode muito a seu gosto olhar para ella e disfructal-a; pela tarde, seja por que motivo fôr, dá-lhe a liberdade e para logo perde o direito de botar os olhos sobre ella. Mas, ao sol posto, casa com ella e tudo se lhe torna licito: á noite, resolve divorciar-se e já não pode approximar-se d'ella; mas pela manhã torna a recebel-a por esposa depois das cerimonias do estylo e então pode reatar com ella as suas relações.

—Justamente. E qual é o tumulo que se poz a andar com quem lhe ia dentro?

—E' a baleia que enguliu o propheta Jonas no seu ventre.

—E qual é o valle que o sol só uma vez allumiou e nunca mais allumiará senão no dia da Resurreição?

—E' o valle que a vara de Moysés abriu ao fender o mar para que deixasse passar o seu povo que ia fugido.

—E qual é a cauda que primeiro andou a arrastar pelo chão?

—A cauda do vestido de Agar, mãe de Ismael, quando arrastou pelo chão deante de Sara.

—E qual é a coisa que respira sem ser animada?

E' a manhã. D'ella se diz no Livro: «Quando a manhã respira!...»

—Dize-me lá o que entenderes ácerca d'este caso: um bando de pombos poisa numa arvore: uns empoleiram-se nos ramos mais altos e outros nos do fundo: e dizem aos do fundo os pombos que estão no cimo da arvore: «Se um de vós se juntar a nós, o nosso bando será dois tantos do vosso; mas se um de nós se juntar a vós, tantos seremos cá como lá.» Quantos pombos eram?

—Eram doze ao todo. Assim no alto da arvore havia sete e cinco ao fundo. Se um dos pombos de baixo se juntasse aos de cima, o numero d'estes seria de oito que é o dôbro de quatro; mas se um dos de cima viesse para os debaixo, seriam seis de cada banda. Mas quem mais sabe é Allah!

Como tivesse ouvido todas estas respostas, arreceou-se o philosopho de que a moça o interrogasse e o forçasse a ficar sem o seu manto. Vae então elle, pernas para que vos quero? tractou de se lhe safar, desapparecendo da salla emquanto o diabo esfrega um olho.

Então se levantou o homem mais sabio do seculo, Ibrahim-ben-Saiar, que, vindo occupar o logar do philosopho, assim disse á bella Sympathia: «Espero que desde já te darás por vencida e acharás escusado interrogar-te mais.

—O' veneravel sabio, eu é que te aconselho que mandes buscar outro manto, porque estou a ver que d'aqui a pouco ficas sem esse que trazes!

—Vamos então lá a vêr! diz-lhe o sabio. Quaes são as cinco coisas que o Altissimo creou antes de Adão?

—A agua, respondeu ella, a terra, a luz, as trevas e o fogo.

—Quaes são as obras sahidas das proprias mãos da Omnipotencia, quando todas as mais coisas só por mero effeito da sua vontade foram creadas?

—O throno, a arvore do Paraiso, o Eden e Adão. Sim, estas quatro coisas sahiram das proprias mãos de Allah; agora as outras coisas, para as elle crear, bastou-lhe dizer: «Façam-se!» e logo passaram a existir!

—Qual é o teu pae no Islam e o pae do teu pae qual é?

—O meu pae no Islam é Mahomé (a oração e a paz sejam com elle!) e o pae de Mahomé é Abrahão, o amigo de Allah!

—Em que consiste a fé de Islam?

—Na simples profissão de fé: « *La ilah ill Allah, sua Môhammad rassoul Allah!*

—Qual é a coisa, qual é ella, que começou por ser de pau e acabou por ter vida?

—A vara com que Moysés atirou e que se fez em serpente. Essa mesma vara é que podia, conforme os casos, transformar-se, quando enterrada no chão, ou em arvore de fructa ou em arvore de grande copa para livrar a Moysés dos raios do sol ou em um cão enorme que tomava conta no rebanho durante a noite.

—Podes-me ainda dizer qual é a mulher que foi gerada por um homem sem ter andado no ventre d'uma mãe e qual é o homem que foi concebido por uma mulher sem ter havido o concurso d'um pae?

—Eva que nasceu de Adão e Jesus que nasceu de Maria!

Continuou o sabio...

Neste ponto de sua historia deu conta Scezerarda de que vinha despontando a manhã e calou-se discretamente.

Mas quando chegou

A noite 286

Disse:

... Continuou o sabio: «Falla-me agora das diversas especies de fogos!»

Resposta d'ella: «Ha o fogo que come e não bebe, que é o fogo do mundo; e ha o fogo que come e bebe, que é o fogo do inferno; e ha o fogo que come e bebe, que é o fogo do sol; e ha finalmente o fogo que nem come nem bebe, que é o fogo da lua!»

—Qual é a chave d'este enigma: «Quando bebo, corre dos meus labios a eloquencia; e ando e fallo sem fazer o minimo ruido. Ora, apesar de todas estas qualidades, não se dão comigo as honras em quanto viva; e, depois de morta, nunca mais de mim se lembram!»

—Ora! isso é a penna!

—E a chave d'este outro enigma: «Passaro sou e mais não tenho nem carne, nem sangue, nem pennas, nem pennugem: comem-me frito e tambem cosido ou assim mesmo como sou: e bem difficil é de saber se estou vivo ou morto: se precisas que te diga a minha côr, de prata e d'ouro é que ella é!»

—Tantas palavras para afinal eu ficar sabendo que é d'um ovo que se tracta? Vê se me perguntas qualquer coisa que me dê que pensar!

—Quantas palavras disse Allah ao todo para Moysés?

—Allah disse para Moysés mil quinhentas e quinze palavras sem lhe faltar nem uma!

—Qual é a origem da creação?

—De lama enxuta tirou Allah Adão: a lama foi formada com escuma: a escuma foi tirada do mar: o mar, das trevas: as trevas, da luz: a luz, d'um monstro marinho: o monstro marinho, d'um rubi: o rubi, d'um rochedo: o rochedo, da agua, por obra da palavra omnipotente: «Faça-se!» e para logo existiu!

—E a chave d'este enigma: «Como sem ter bocca nem ter barriga; e d'arvores e d'animaes é que me sustento. As comidas é que me dão vida: as bebidas, essas morte me dão:

—Isso é o fogo!

—E a chave d'este enigma: «São dois amigos que nunca tiveram satisfação, apesar de passarem todas as noites nos

braços um do outro. Elles é que guardam a casa e só de manhã se separam?»

—São os batentes d'uma porta.

—E a explicação d'isto: «Trago sempre uma cauda a arrastar atraz de mim: tenho ouvidos mas não ouço; faço vestidos mas não os uso?»

—E' a agulha.

—Que comprimento e que largura tem a ponte Sirat?

—O comprimento da ponte Sirat, pela qual devem passar todos os homens, no dia da resurreição, é de tres mil annos de bom caminhar, mil a subir, mil a direito e mil a descer. E' mais aguçada que o gume d'uma espada e mais estreita que um cabello.

—E quantas vezes, vê lá se sabes, tem o Propheta (a oração e a paz sejam com elle!) o direito de interceder por cada crente?

—Tres vezes, nem mais nem menos!

—Quem é que primeiro abraçou a fé do Islam?

—Foi Aboubekr.

—Pois então tu não crês que Ali foi mussulmano antes de Aboubekr?

—Ali, pela graça do Altissimo, nunca foi idolatra: desde os sete annos pôl-o Allah no recto caminho e allumiou seu coração dando-lhe a fé de Mahomé (a oração e a paz sejam com elle!)

—Disseste bem! Mas agora o que eu bem quizera saber era qual dos dois tem mais merecimento a teus olhos, se Ali, se Abbas?

A esta pregunta, que era uma refinadissima insidia, bem viu logo Sympathia que o que o sabio procurava era ver se d'ella tirava uma resposta que a comprometesse: porque, se fosse a dar a preeminencia a Ali, genro do Propheta, cahia no desagrado do Kalifa que era o descendente d'Abbas, tio de Mahomé (a oração e a paz sejam com elle!). Fez-se primeiro muito córada; depois fez-se muito pallida: e por fim, após um momento de reflexão, sahiu-se com esta:

—Saberás, ó Ibrahim, que nenhuma primasia ha entre os dois, porque cada um d'elles tem um merito excellente!

Ouvindo esta resposta, não se teve o Kalifa que não manifestasse o seu enthusiasmo e pondo-se em pé: «Pelo Senhor da Kaaba! disse. Que bella resposta a tua, oh Sympathia!»

Mas o sabio proseguiu: «Poder-me-ás dizer de que é que se tracta neste enigma: «Esbelta e tenra é ella e de gosto delicioso: direita como a lança é ella, mas não tem ferro agudo; é util na sua doçura e come-se com gosto á noite, no mez de Ramadan!»

—E' a canna d'assucar.

—Algumas preguntas tenho eu ainda a que quizera que me respondesses: em poucas palavras t'as vou fazer. Poder-me-ás dizer sem grandes rodeios: O que é que é mais doce do que o mel? o que é que é mais agudo do que a espada? o que é que é mais rapido nos seus effeitos do que o veneno? Qual é o prazer d'um instante? Qual é o dia mais feliz? qual é a festa que dura uma semana? Qual é a divida que até o mau não pode deixar de pagar? qual a pena que nos acompanha até á sepultura? qual é a alegria do coração? qual a tortura do espirito? qual a desolação da vida? qual o mal que não tem remedio? qual a vergonha que não pode apagar-se? e qual o animal que vive no deserto e habita longe das cidades, foge do homem e reune a forma e a natureza de sete animaes?

—Antes de eu fallar, retorquiu ella, quero que me dês para cá o teu manto.

Mas o Kalifa Arum-al-Raschid disse então assim para a Sympathia: «Não deixas de ter rasão. Mas talvez fosse melhor, em attenção á sua muita edade, responderes-lhe primeiro ás preguntas?»

E ella logo: «Mais doce do que o mel é o amor dos filhos: mais aguda do que a espada é a lingua: mais rapido do que o veneno é o mau olhado: prazer d'um instante é o prazer do amor: o dia mais feliz é aquelle em que se fez um bom negocio: festa d'uma semana a das bodas: divida que todos temos de pagar, a morte: pena que até á sepultura nos acom-

panha, o mau proceder dos filhos: alegria do coração é-o a mulher submissa ao seu esposo: um mau servo é a tortura do espirito: a pobresa é a desolação da vida: o mau caracter é mal sem remedio: vergonha indelevel é a deshonra d'uma filha: e lá quanto ao animal que vive nos logares desertos e detesta o homem, deve ser o gafanhoto, porque elle é que reune em si a forma e a naturesa de sete animaes: cabeça de cavallo, pescoço de touro, azas de aguia, pés de camello, cauda de serpente, ventre de scorpião e pontas de gazella!»

A' vista de tanta sagacidade e sabedoria, deu-se o Kalifa por satisfeitissimo e mandou ao sabio Ibrahim que desse o seu manto á adolescente. Em seguida o sabio ergueu a mão direita e attestou publicamente que aquella moça lhe passara adeante em conhecimentos e que ella era a maravilha do seculo.

Perguntou então o Kalifa á Sympathia: «E tocar? sabes tocar instrumentos de harmonia e cantar ao seu acompanhamento?» Ao que ella respondeu logo: «Certamente que sim!» Então mandou elle logo trazer um alaude mettido num estojo de setim vermelho a rematar numa borla de seda amarella e com uma chapa d'ouro. Tirou Sympathia o alaude do seu estojo e achou nelle estes versos gravados a toda a roda em caracteres entrelaçados e floridos:

«Era eu ainda um ramo verde e já os passaros namorados me ensinavam canções!

«Por isso eu agora, sobre os joelhos das moças, lhes vibro sobre os dedos e canto como os passaros!

Encostou-o ella então a si, inclinou-se como a mãe sobre o seu filhinho, fêl-o tocar em doze tons differentes e, em meio do geral arroubamento, poz-se a cantar com uma voz que deu ecco em todos os corações e de todos os olhos arrancou lagrimas de commoção.

Mal acabou de cantar, poz-se de pé o Kalifa e exclamou: «Augmente Allah em ti os seus dons, oh Sympathia! e cubra com a sua misericordia os que foram teus mestres e os que te deram nascimento!» E logo ali mandou contar dez mil dinares d'ouro, em cem saccos, a Abul-Assam, e disse assim para

a Sympathia: «Dize-me lá, oh maravilhosa adolescente! qual escolhes: entrar para o meu harém e ter um palacio e um governo de casa só para ti, ou então ires-te embora com aquelle mancebo, teu antigo senhor?»

A estas palavras, Sympathia prostou-se aos pés do Kalifa...

Neste ponto da sua historia deu conta Scezerarda de que vinha despontando a manhã e calou-se discretamente.

Mas quando chegou

A noite 287

Disse:

...Sympathia prostrou-se aos pés do Kalifa e fallou assim: «Allah encha de graça o Kalifa nosso senhor! Porem esta sua escrava o que deseja é voltar para casa do seu antigo amo!»

Longe de se mostrar melindrado com esta preferencia, muito pelo contrario, de prompto acquiesceu o Kalifa a esta sua vontade e lhe mandou dar de presente mais outros cinco mil dinares, dizendo-lhe: «Oxalá sejas tão experta em amor como o és em conhecimentos espirituaes!»

Depois quiz ainda levar ao maior auge a sua magnificencia nomeando Abul-Assam para um alto emprego em palacio e admittindo-o no numero dos seus favoritos mais intimos. E levantou em seguida a sessão.

Então Sympathia, mal se podendo arrastar com os mantos dos sabios, e Abul-Assam, carregado com os saccos cheios de dinares d'ouro, sairam ambos da salla seguidos por todos os da assembleia, que, ao mesmo tempo que se maravilhavam com o que acabavam de ver e de ouvir, iam gritando de braços erguidos para o ceo: «Onde haverá no mundo generosidade egual á dos descendentes de Abbas?!»

Ora estas são, oh rei afortunado, rematou Scezerarda, as palavras que a douta Sympathia disse no meio da assembleia dos sabios, palavras que, transmittidas pelos annaes do reino, teem servido d'ahi em deante para instrucção de toda a mulher mussulmana.

25 de novembro, dia de Santa Catharina.

(Trad.) CARLOS DE LEMOS

VOX RERUM

DE

Tomazo Cannizzaro

Nesta tarefa que me propuz de registar na *Ave-Azul* a impressão colhida na leitura das obras recebidas, um principio me tem servido de norma: —aproveitar do livro sobretudo o pouco ou muito que de bom tenha; quanto aos defeitos, que toda a obra, por melhor que seja, os tem, apontal-os, sim; mas sem que d'elles faça o principal objecto das minhas reflexões. Vem a talho de fouce fazer esta observação, como explicativa que é da tal ou qual benevolencia, excessiva no entender de muitos, que me notam os que em mim querem ver o critico e não o obscuro camarada d'officio. Obras ha porem, para as quaes todos os louvores são poucos: e é então, é em face d'essas obras, que a minha tarefa se torna arduo e irrealisavel aquella norma, porquanto, se por um lado é temerario querer d'uma simples leitura fixar-lhes o valor, impossivel é por outro lado consubstanciar em duas ou tres paginas as impressões que da sua leitura nos ficaram.

Em face do ultimo livro *Vox rerum* do Sr. Th. Cannizzaro, não é muito que me confesse assim assoberbado pela impossibilidade de bem satisfazer á minha consciencia litteraria, ao justo renome do auctor e á indiscutivel excellencia da obra. Livro d'um homem que ha quarenta annos vem moirejando nas lettras, cultivando com acrisolado amor e desvelo a divina arte do verso—a mais bella das bellas artes, é certo; mas tambem, confessemol-o, a mais ruim das ruins industrias! —este *Vox rerum*, nas suas oitocentas e tantas paginas, é não já, simplesmente, o testamento d'um poeta, mas ainda, o que lhe dobra o valor e a mim o pasmo, o testamento d'um philosopho: quero eu dizer, nesta palavra *testamento*, que no seu ultimo volume nos dá o sr. Th. Cannizzaro a medida do seu espirito, erguido em soberbos vôos nas duas direcções—do pensamento e do sentimento. Assim é que—ideias moraes, po-

liticas, philosophicas, estheticas; observações sobre homens e sobre coisas: quanto viu e sentiu e viveu e soffreu e gosou; naturesa e espirito; real e ideal: tudo, em variados e deliciosos rythmos redivivo, nos apparece neste livro, onde mesmo ás composições minimas, as realça um valor documental importantissimo, como sendo, porque innegavelmente o são—*l'estrinsecazione sincera di una psyche attraverso un dato organismo, un dato ambiente, una data epoca.*

Em todas as direcções: tal devera ser pois, o titulo d'este livro; se lh'o não deu o auctor, por descabida modestia foi: não porque lhe não assentasse ás mil maravilhas; e muito menos porque tal não fosse o seu intimo e bem manifesto proposito.

Ora, se é verdade que todos temos uma lyra no cerebro —asserto mesmo anatomicamente verdadeiro—; não menos verdade é que poucos, muito poucos, é que lhe sabem vibrar as cordas; e muito menos ainda os que d'ella conseguem arrancar para o livro todos os accordes no intimo seio d'ella potencialmente existentes. Conseguil-o-ia o nobre poeta siciliano? Elle proprio nos diz que outro fôra este seu livro, se lhe tivesse sido possivel a elle dar forma a todas quantas aspirações lhe accordavam na alma, como certas arias de musica cujos eccos sentimos cá dentro, sem que todavia os labios cheguem a poder modulal-as. Mas do generosissimo tentamen ficaram-lhe estas tantas paginas que são como que o roteiro das viagens do seu aventureiro espirito pelas alturas de Deus, em demanda do sonho do seu coração e da sua intelligencia—a conciliação do Real e do Ideal, da Verdade e do Amor.

Mas se este livro vale muito, muitissimo, como obra d'um poeta e d'um philosopho—poeta inspirado nos mais nobres ideaes e philosopho sucorrido dos mais affanosos estudos—, não menos vale a meus olhos como obra de artista que em seus poemas vingou combinar a claresa e a concisão, a naturalidade e a dignidade, a elegancia e a simplicidade, o colorido e a sobriedade: que tal é ou deve ser a tarefa do verdadeiro artista. A alliança da força e da graça: eis a Poesia. Por isso

entre Marte e Venus é que fica a Lyra. Assim o verdadeiro poeta é forçosamente um primoroso artista tambem. Os que apregoam o contrario são os indolentes ou os impotentes: não teem felizmente voto na materia.

De resto, o proprio auctor nos diz, em certa pagina do largo e precioso prefacio *A chi legge*, qual o seu modo de ver em questões d'arte. Diz-nos elle:

«Ninguem tem o direito de restringir a este ou áquelle «thema ou sentimento a creação do poeta, nem tão pouco a «sua personalidade litteraria, como ninguem o tem de lhe res-«tringir a civil. O campo do poeta é vasto como a natureza; «mais ainda do que ella, porque abraça simultaneamente o «sensivel e o intelligivel. Propugnador da *arte independente*, «quizera-a egualmente livre de determinados objectivos, eman-«cipada de todas as eschólas, companheira e não escrava das «grandes ideias e das grandes emoções, suave e musical, sim, «mas não destinada só a deleitar o ouvido dos superstites de «Sibaris...

Por isso o *Vox rerum*, assim grosso como é, se lê sem um momento só de tedio, antes, ao contrario, avivando-se-nos o interesse a cada pagina mais; o ouvido e o espirito satisfeitos, ambos surprehendidos, pela doçura, malleabilidade e variedade dos rythmos aquelle, este pela novidade, alteza e amplitude das ideias. E tudo isto, numa linguagem viva, que bem mostra ter sido aprendida da bocca do povo, não das paginas dos livros: estylo cheio de dignidade, mas d'aquella dignidade classica, resultante da naturalidade e da simplicidade, como usaram os mestres da Grecia e de Roma e ainda na Italia Dante, Policiano, Ariosto, Monti, Foscolo e Leopardi. E ao fim, o que nos fica a sobredourar todas as impressões no coração é uma grande veneração pelo auctor que nos poemas da sua desalumiada velhice nos léga, em vez de paixões cegas e violentas, calmas e suaves ternuras; em vez de transportes dos sentidos, serenas reflexões do espirito; e em vez do fanatismo, a tolerancia, e em vez do odio e do despreso, o amor, a piedade, o perdão: como quem vê d'alto os homens

e as coisas; como qnem paira já nas alturas, perto de Deus. Tambem, emquanto ao fundo de Sinay o povo se achava envolto na noite da superstição, lá em cima Moysés tinha a fronte radiosa do olhar de Jehová: assim, emquanto para os mais é noite ainda, para o poeta é já dia: do cerro do monte beija-lhe a fronte o sol que vae nascer...

E á mingua d'espaço, fecha já agora estas desalinhavadas paginas o soneto com que a sua ex.ª agradeci em tempos o volume que, junto aos seus outros anteriores, guardo na minha estante como dos que mais valem.

VOZ RERUM

(A THOMAZO CANNIZZARO)

O Poeta é como a águia: ergue ás alturas
O vôo audaz e das alturas fita
A luz do ceo esplendida, bemdita
E as entranhas da terra ermas, impuras.

Do seu olhar na orbita infinita
Vêm casar-se, fundir-se as amarguras
Dos homens com as lagrimas escuras
Das coisas onde o mesmo ideal se agita.

Pois do beijo nupcial das duas dôres
Na alma do Poeta é que se gera a santa,
Divina voz da inspiração secreta:

E pondo em verso as vozes interiores,
E' a dôr das almas que o Poeta canta
E é a *voz das coisas* que traduz o Poeta. -

CARLOS DE LEMOS